UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E LETRAS - CENCEL
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

LIDIANE SILVA DOS SANTOS

EGRESSOS: SIGNIFICAÇÃO E MEDIAÇÃO ENTRE A UNIVERSIDADE E O MERCADO DE TRABALHO

BOA VISTA-RR
2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E LETRAS - CENCEL
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

LIDIANE SILVA DOS SANTOS

EGRESSOS: SIGNIFICAÇÃO E MEDIAÇÃO ENTRE A UNIVERSIDADE E O MERCADO DE TRABALHO

Monografia apresentada ao Departamento de Comunicação Social da UFRR, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo sob orientação de Maurício Elias Zouein.

BOA VISTA-RR
2003

A monografia, “Egressos: significação e mediação entre a universidade e o mercado de trabalho”, elaborada por **Lidiane Silva dos Santos**, matrícula n.º 9822110, aprovada por todos os membros da banca examinadora, encontra-se à disposição dos interessados no Departamento de Comunicação Social da UFRR.

Monografia defendida e aprovada em ____/____/_____ (com nota _____)

_____
Prof. Maurício Elias Zouein
Orientador

_____
Prof. Áurea Lúcia Melo de Oliveira
Examinadora

_____
Prof. Vângela Maria Isidoro de Morais
Examinadora

DEDICATÓRIA

A Deus.

A **todos** que puderem fazer bom uso dos dados aqui presentes, conferindo sentido a este.

AGRADECIMENTOS

A trindade divina e aos guias espirituais que me protegem.

Aos meus pais por terem permitido minha vinda ao mundo, aos meus irmãos pelo conjunto, e aos amigos por serem irmãos.

A Maurício Zouein pela orientação na realização deste trabalho, e por ter me incentivado à pesquisa quando ainda era acadêmico.

Aos professores: Vângela Morais, pela paciência e desprendimento na tarefa de esclarecer, oferecer informações e direcionamentos ao trabalho; a Áurea Lúcia Melo e a Gutembergue Borges pela amizade e tempo a mim concedido, e a todos pela ética profissional.

Aos professores Noujain Pereira, Goretti Leite e Romanul Bispo, como ao Relações Públicas, Rui Pain, pelas informações a respeito do curso de Comunicação Social e da UFRR.

Aos egressos do curso de Comunicação Social, pela agilidade e gentileza em responder à pesquisa, pois sem eles o trabalho não existiria.

A Selmar Levino pelo material que me confiou para suporte teórico.

Aos responsáveis pela área jornalística das Assessorias pesquisadas e dos veículos de Comunicação Social de Boa Vista, por responderem ao questionário.

A Edgar Borges, por ser um eterno companheiro sempre pronto a ajudar, e ao amigo Fernando Quintella, pelo incentivo e motivação constante e prontidão em oferecer e adquirir qualquer informação necessária para conclusão deste trabalho.

A todos que indireta ou diretamente me auxiliaram.

EPÍGRAFE

... Dias de penumbra, de noites longas e frias. De escuridão e solidão. De esquecimento e desencanto. De oportunidades e oportunismos....

Pablo Gentili

Numa sociedade desencantada, o reencantamento da universidade pode ser uma das vias de simbolizar o futuro[...] Tal papel é uma microutopia. Sem ela, a curto prazo, a universidade só terá curto prazo.

Boaventura dos Santos

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 10

CAPÍTULO I
1 A universidade e a Globalização 13
1.1 As primeiras universidades no mundo ocidental e latino-americano 16
.....
1.2 O Ensino Superior no Brasil 21
1.2.1. Os primeiros cursos de Jornalismo no mundo 27
.....
1.2.1.1. Os cursos de Jornalismo no Brasil..... 29

CAPÍTULO II
2. O curso de Jornalismo no extremo Norte do Brasil..... 34
2.1. Universidade Federal de Roraima: um nascimento na contramão 34
2.2. O curso de Jornalismo em Roraima: o desafio não surgiu no bar 40
2.2.1Projeto Pedagógico: concluído e aprovado..... 44
2.2.2 Laboratórios 47

CAPÍTULO III
3. O mercado de trabalho para os jornalistas em Boa Vista 51
3.1. Dimensão quantitativa dos dados..... 52
3.2. Análise qualitativa dos dados 63
3.2.1. Opinião de quem é reflexo 67
3.3. As significações da mediação..... 72

CONCLUSÃO 73

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 76

ANEXOS 79

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Distribuição dos egressos no mercado de trabalho 53
Gráfico 02 – Motivos de permanência fora da área 53
Gráfico 03 – Motivação pelo emprego atual 54
Gráfico 04 – Grau de importância do diploma para empregadores 56
Gráfico 05 – Graduação dos chefes de redação 56
Gráfico 06 – Avaliação dos egressos pelos empregadores 57
Gráfico 07 – Motivo para escolha do curso 57
Gráfico 08 – Expectativas em relação ao curso 58
Gráfico 09 – Informações sobre a grade após o ingresso 58
Gráfico 10 – Características das disciplinas 59
Gráfico 11 – Visualização do curso após as primeiras disciplinas 59
Gráfico 12 – Resultado das aulas práticas 60
Gráfico 13 – Opinião sobre a metodologia aplicada 60
Gráfico 14 – Opinião sobre a didática aplicada 61
Gráfico 15 – Grau de satisfação 61
Gráfico 16 – Importância da Experiência na transmissão dos conteúdos 62
Gráfico 17 – Modificações prioritárias 62

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos egressos no mercado de trabalho 54
Tabela 2 – Motivos de permanência fora da área 55

INTRODUÇÃO

A educação superior em nível nacional vivencia um período de profundos abalos em seu esteio, os paradigmas historicamente formulados. Com as inovações tecnológicas e o intercâmbio veloz e constante de informações da era globalizada há a transfiguração do mercado de trabalho, que sinaliza às instituições de ensino a urgência em se reformular as práticas acadêmicas, para que consigam reafirmar o sentido de centro cultural e profissional que possuem, suprindo as novas demandas, qualitativas e quantitativas da atualidade.

É no bojo das solicitações que emerge o caráter sofrível das universidades e dos cursos a elas vinculados, que apesar dos problemas devem continuar a prover profissionais capacitados à técnica e ao compromisso social e ético. Porém, nem sempre é possível, tornando-as devedoras da sociedade e, especialmente do educando, por direcionar aquela, esperanças de garantias profissionais futuras. Neste contexto, percebemos na área de Comunicação Social, onde surgem as principais inovações, uma estagnação nos cursos superiores dificultando o fomento de conhecimentos que acompanhem o ritmo frenético do mercado, e que garanta uma formação de qualidade.

Assim surgiu a idéia deste trabalho, que considerando o profissional como símbolo da universidade no mercado, deseja saber quais as características das empresas empregatícias e do egresso do curso de Comunicação Social da UFRR, especialmente por haver suposições de alto percentual de graduados do curso em assessorias de imprensa, questão ainda incipiente nos conteúdos estudados.

Esta monografia se delimitará a tratar sobre o ensino superior, precisamente o ensino de Comunicação Social na habilitação ao Jornalismo, analisando o desenvolvimento do processo tecnológico no mercado e o que ele indica quanto a

alterações pedagógicas ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Roraima. Através da análise de dados o trabalho pretende informar como está o mercado de trabalho local para jornalistas, explicitando semelhanças ou divergências com o nacional.

Dividido em três capítulos, o trabalho interligará a universidade e o mercado de trabalho, através do que possuem em comum, o graduado. O primeiro capítulo tem o intuito de retratar a criação das universidades no mundo ocidental e latino-americano, e a influência da economia em seu desenvolvimento, por implicar na estrutura pedagógica e em suas finalidades. Para tanto, o conceito de pensadores a respeito da evolução sofrida pelas universidades com as descobertas científicas, o advento industrial e a internetização do mundo, foram utilizados.

No segundo capítulo foi realizado um resgate histórico da Universidade Federal de Roraima, as dificuldades na sua criação e os fatos curiosos que permearam o processo de desenvolvimento da mesma. Isso, por considerar importante conhecer os passos que antecederam a criação do curso de Comunicação Social da UFRR de quem dela é herdeiro. Entrevistas e dados obtidos nos departamentos e pró-reitorias ajudaram na estruturação dos fatos.

O terceiro capítulo é destinado a apresentar os dados compilados na pesquisa empírica de campo realizada com empresas jornalísticas e egressos,, procurando traçar as nuances mercadológicas e o desempenho dos profissionais formados. A relevância está em considerar o egresso reflexo da UFRR no mercado, significando avalia-lo obter informações concernentes ao próprio curso, oferecendo informações de cunho pedagógico, o que pode vir a facilitar as ações dos coordenadores e professores, bem como permitir ter um feedback das ações.

Para a realização deste trabalho foram necessárias horas de pesquisa em revistas, livros, acesso à internet, entrevistas e visitas a diversos departamentos e Pró-reitorias da UFRR. O objetivo era retratar fielmente o histórico da criação das universidades e sua relação com o progresso econômico mundial, e os debates que permearam e permitiram o nascimento dos primeiros cursos de Jornalismo, garantindo uma seqüência lógica dos acontecimentos, facilitando assim o

entendimento sobre a realidade local tanto da UFRR quanto do curso de Comunicação Social. Em muitos momentos a dedicação ao trabalho se deu de forma exclusiva, disciplinada e extenuante.

Ao término deste, fica o desejo de beneficiar não apenas o curso de Comunicação Social da UFRR, por demonstrar suas deficiências, progressos e indicativos para as ações futuras mas, em especial aos educandos, que com altas expectativas acadêmicas merecem saber quais as perspectivas profissionais futuras, e compreender a importância de seu personagem na engrenagem sócio-educacional. Pois que a educação não deve ser efetivada em sentido único e de modo descendente, mas sim em equilíbrio de vez e voz no qual a responsabilidade do êxito ou da decadência de ações não pese apenas nos ombros de um.

CAPÍTULO I

1. A Universidade e a Globalização

Há muito vem se desenhando uma nova roupagem para a educação no mundo, direcionada à tentativa de acompanhar as rápidas mudanças impulsionadas pelos avanços tecnológicos e cibernéticos, que alteram o sentido de tempo e movimentação dos recursos na economia global. Nos diversos debates em congressos, pesquisadores se revezam nas explanações buscando apresentar o quadro da sociedade atual e juntamente com os demais encontrar novos meios de atuar numa educação voltada para o futuro.

A ênfase que vem sendo conferida à ciência a partir da metade do século XIX, passa a guiar os passos das sociedades pós-modernas. Costumes e hábitos da população são modificados. O maior acesso às informações com a Internet, rápida locomoção nos transportes, redes interligadas por satélites, aceleram a vida e subvertem a noção de tempo e espaço na contemporaneidade, quebrando paradigmas[1]. A economia é integradora – global, as fusões empresarias se tornam constantes e a substituição da mão-de-obra humana por máquinas impulsiona o terceiro setor[2] e solicita implicitamente profissionais polivalentes, fazendo acender os sinais de alerta da Educação, especialmente a Superior.

A problemática educacional se intensifica quando nos recordamos que os anacronismos[3] dos modelos empregados no Brasil são transmitidos do Ensino

[1] Paradigmas: são modelos, conceitos construídos por uma sociedade.
[2] Terceiro Setor: é o setor da economia caracterizado pela prestação de serviços. A informação pode ser encontrada no Trabalho de Conclusão de Curso de Náthila Xavier Moreira, de 2003, p. 10.
[3] Anacronismo são idéias, doutrinas, atitudes ou práticas desatualizadas.

Infantil ao Superior. O contexto histórico, meio pelo qual se dá a compreensão educacional, já não consegue promover o encaminhamento no planejamento das ações, pois não vê claramente as mudanças. ARANHA (2002, p.234) retrata bem os acontecimentos:

> O momento exige invenção, com ousadia de imaginação para criar o novo [...]. É preciso detectar com urgência os sintomas do mundo que emerge, o que não é fácil se considerarmos que mergulhados neste torvelinho, nem sempre temos clareza para compreender e distinguir os principais sinais de mudança.

Com isso, valores e categorias para a compreensão do mundo permanecem em continua alteração modificando as formas de pensar, sentir e agir. O quadro interfere nos conceitos educacionais e implica não apenas em alterações, mas na extirpação total de atitudes antiquadas por parte de educadores como a imposição de conteúdos ou métodos desvinculados do processo histórico atual.

Essa questão ganha destaque quando voltamos o olhar para as Instituições de Educação Superior – IES. Geradas das interações sociais, as universidades refletem bem a história das civilizações, sua estrutura ideológica e funcional é espelho do desenvolvimento econômico e da afirmação democrática ou autoritária de seus "líderes". Com as vertiginosas mudanças, profissões são criadas e outras extintas, o permanente aperfeiçoamento é requisito constante do mercado de trabalho. Dependentes da sociedade, as universidades passam pelo crivo dos setores que a compõem, no qual há o confronto de interesses e práticas complexas. Por isso, definir seu papel depende primeiramente da definição por parte desses mesmos setores.

Com isso, se expande e reforça o questionamento sobre a função das IES às novas exigências do ágil e mutante mercado de trabalho, e na compreensão da atualidade na formação de novos paradigmas, com os quais trabalha. Isso conduz a perguntar: Para qual mercado de trabalho as universidades estão formando seus acadêmicos?

Seus conhecimentos devem ser transmitidos de maneira desinteressada, ou a sua função deve estar inteiramente ligada ao compromisso social?

Para o sociólogo português Boaventura Santos além de identificar suas finalidades, há muitos empecilhos a serem encarados pela universidade na atualidade, pois que,

> desafiada pela sociedade e pelo Estado, [...] não parece preparada para defrontar os desafios, tanto mais que estes apontam para transformações profundas e não para simples reformas parcelares. [E complementa dizendo que] os três fins da universidade passaram a ser a investigação, o ensino e a prestação de serviços. (SANTOS apud BITTAR,1999, p. 90-91)

Não desejando ser apenas uma repetidora de conhecimentos e de vontades do poder, as universidades necessitam melhorar, recriar ou criar novos métodos na formação profissional e cidadã, através da avaliação e qualificação dos recursos humanos, transpor o conteúdo à prática e promover projetos de pesquisa, através de investimentos na estrutura ambiental do campus, em especial a dos laboratórios. Porém, o pouco comprometimento dos governantes com a educação nacional, claramente visto nos reduzidos recursos destinados ao setor, torna complicado o desenvolvimento, pois apesar "da conquista do sufrágio universal, tem sido difícil proceder à democratização do sistema político devido ao clientelismo, à corrupção e ao personalismo dos governantes". (ARANHA, 2002 p. 238)

As discussões não são apenas de base estrutural pedagógica e física das universidades, mas também com as linhas técnicas e morais que devem nortear a prática docente dentro do campus. O predomínio da *razão instrumental*, na qual é importante saber o *que fazer* e *como fazer*, objetiva o domínio do ambiente para fins práticos e lucrativos, enquanto que na *razão vital,* a indagação é sobre *para quê fazer* enveredando nas veias humanística, as duas trabalhadas de maneira separadas na maioria das universidades e contexto social. Isso conduz a uma exigência demasiada da técnica e a deteriorização dos valores humanos, e conseqüente distanciamento das dimensões críticas e reflexivas na educação, fazendo o indivíduo perder a autonomia.

As especializações também têm sido mencionadas nos debates, mas há muitas controvérsias a respeito. Para Stephen Kantiz[4] a quantidade de informação global, não está se refletindo no plano individual. “Embora coletivamente o mundo esteja ficando mais inteligente, individualmente estamos ficando mais burros”, acreditando ser a especialização uma ótima saída para a competição no mercado onde há abundância de generalistas. Porém distantes das demais ciências “o especialista restrito a um saber fragmentado, perde a visão do todo, o que pode ser traduzido em problemas epistemológicos[5]”. (ARANHA, 2002 p. 237).

Nesse contexto, as universidades e demais seguimentos educacionais precisam redefinir suas ações estratégicas. Métodos ultrapassados, disciplinas fragmentadas, mentalidade docente inflexível e total perplexidade de educadores e alunos sobre os novos paradigmas que se criam, assustam.

A universidade precisa construir sua própria identidade, conhecer o ambiente no qual está inserida e a sua trajetória, para traçar políticas de ensino, pesquisa e extensão, lembrando da atuação em todos os setores da sociedade, em especial o econômico, pois como afirma Cipriano Luckesi e outros (2003, p.41):

> A universidade que não toma a si esta tarefa de refletir criticamente e de maneira continuada sobre o momento histórico em que ela vive, sobre o projeto de sua comunidade, não está realizando sua essência, sua característica que a especifica como tal crítica.

1.1. **As primeiras universidades ocidentais e latino-americanas**

A genes das universidades têm grande relação com o significado primeiro do nome, *universitas,* que indicava na Idade Média qualquer assembléia corporativa de pessoas com o mesmo ofício. Somente mais tarde o nome passa a designar a corporação de mestres e alunos no estudo das artes.

[4] KANITZ, Stephen. Estamos Emburrecendo. Sessão Ponto de Vista. Revista Veja, 6 de agosto de 2003.
[5] Epistemologia: estudo crítico dos métodos empregados nas ciências.

Herdeiras das instituições do mundo greco-romano onde já existiam escolas de alto nível na formação de especialistas em medicina, filosofia, retórica e direito, as aulas se resumiam em reuniões para transmissão de saberes acumulados por um mestre aos seus discípulos, sem a preocupação de constituir uma corporação ou elaboração de estatuto. Os mestres regiam a escola e eram pagos pelos estudantes.

Com as invasões bárbaras o desenvolvimento do ensino superior ficou paralisado no período compreendido entre os séculos V e X. Mesmo assim, há na história referência da universidade de Sarlemo, na Itália, onde o ensino de Medicina era oferecido já no século X. Porém, é entre os séculos XI e XV, com o fim da Idade Média e a Reforma Protestante, que nascem as universidades com a formação pouco semelhante a dos dias atuais, buscando sua identificação com a sociedade na qual está inserida e com a cultura (LUCKESI et. ta., 2003, p. 21-26).

No final do século XII e início do XIII nascem as universidades de Bolonha, na Itália, criada do empenho de professores e voltada para especialização em Direito, resquício do espírito romano que direcionava sua cultura para praticidade e defesa dos interesses pátrios. E a de Paris na França, dedicada à Teologia, conseqüência da presença castradora do clero católico.

Na Inglaterra, no mesmo período, recebem destaque a universidade de Cambrigde e a de Oxford, nas quais predominam os conhecimentos da matemática, física e astrologia. Outras são formadas em Montpellier, Salamanca, Roma e Nápoles. Em Portugal a universidade surge em 1290 na cidade de Lisboa e depois é transferida para Coimbra. Nesse segundo momento a organização dos estudantes é modificada e aparecem os germes dos Movimentos Estudantis (BITTAR, 1999, p. 75-83).

A economia, baseada no feudalismo, é dominada pela Igreja que ao ver a proliferação das universidades e o crescimento de sua importância junto à população, tenta domina-la. Os trabalhos intelectuais então passam a ser direcionados às verdades religiosas. Mas o desenvolvimento burguês e a tradução

das obras de Arquimedes, Hero de Alexandria, Aristóteles e Ptolomeu para o Latim incrementam o hábito da dialética[6], ainda em início, não tardando a interferência do mercantilismo incipiente dentro e fora da academia pois,

> À medida que aumenta a importância da universidade, os reis e a Igreja disputam seu controle [...] A universidade torna-se centro de fermentação intelectual. A Igreja, que mantivera a hegemonia da cultura e espiritualidade no Ocidente, passa a ser afrontada com freqüência [...] Tão grande é o temor provocado pelas reformas de contestação, que a Igreja conservadora resolve instalar a Inquisição ou Santo Ofício. (ARANHA, 2002, p.80)

Com isso as discussões estudantis sofriam interferência. Os "[...] debates sempre aconteciam sob a vigilância do professor que, além de moderador, garantia a ortodoxia das idéias e eventuais conclusões". (LUCKESI et at, 2003, p. 31)

As universidades sentem o peso dos dogmas papais aplicados e a ausência de debates críticos. A recusa da observação e experimentação acarreta no profundo distanciamento das novidades científicas introduzidas pela modernidade nascedoura.

O século seguinte, XV, é marcado pela continuidade na formação das universidades. Em 1348 é criada a Universidade de Praga, e em 1365 a de Viena. Esta última pioneira em permitir à docência o lecionar em todas as matérias. Na metade do século é fundada na Alemanha a Universidade de Heidelberg, e nos anos seguintes a de Colômbia e de Erfurt. Nessa mesma época a tipografia é inventada por Gutemberg e as bibliotecas ganham espaço nas universidades. Textos são multiplicados e o acesso às informações é maior.

Nas Américas é dado início às universidades latino-americanas e norte-americanas, nos séculos XVI e XVII respectivamente. As primeiras, de São Domingos (1538), a de Lima (1551) e a do México (1551), tinham sua estrutura metodológica caracterizada com a situação colonial e missionária por que passavam os países. Dominados por ordens religiosas dominicanas e jesuíticas, tiveram seus

[6] Dialética: Arte do diálogo ou da discussão.

estatutos baseados nos de universidades espanholas: Salamanca e Alcalá. Seus conhecimentos eram voltados ao Direito Canônico e à Teologia. Na América do Norte os centros universitários criados são: Harvard (1636), Williamsburg (1693) e o de Yale (1701), nascidos para formar pastores e administradores correspondendo às necessidades sociais locais (BITTAR, 1999, p. 81).

Enquanto na Europa, ainda no século XVII, eclode o grande colapso na vida social promovido pelos movimentos da Renascença, incipiente, e pela força da Reforma Protestante. Esta última encabeçada por Martinho Lutero tem seus, alicerces no discurso contrário aos da Igreja, geram controvérsias e ocasionando a crise na civilização que até então estava estruturada nos cânones religiosos. Os conceitos são desfeitos e outros completamente enterrados.

As manifestações burguesas marcam o processo de mudança. O método da Escolástica torna-se ultrapassado frente às necessidades comerciais, pois não permitia pensamentos contrários aos textos bíblicos, o que ocasionou muitas mortes por heresia. A especulação filosófica-teológica criada por Carlos Magno é aos poucos substituída e o conhecimento cristão reeditado. “O conhecimento não parte apenas de noções e princípios, mas da própria realidade observada e submetida a experimentações”. (ARANHA e MARTINS, 1987, p. 142)

No turbilhão ideológico as igrejas protestantes, calvinistas, anglicanas e católicas fundam universidades na tentativa de difundir novos pensamentos ou recuperar a influência do antigo. A primeira Universidade protestante é a de Marburgo na Província de Hesse, Alemanha, e na Prússia é criada a Universidade de Königsberg, segunda instituição luterana. Há também a Universidade de Genebra,criada por Calvino em 1559 (BITTAR, 1999, p. 81).

A mentalidade mercantilista e individualista e as idéias difundidas pelo Renascimento são rapidamente desenvolvidas e incorporadas ao cotidiano. O conhecimento torna-se diversificado e o conceito de universidade é alterado. Era preciso incorporar aos valores do passado as descobertas que vinham surgindo,

principalmente a de Copérnico, o heliocentrismo[7]. Ao definir a essência da universidade Mariluce Bittar, Doutora em Fundamentos da Educação pela UFSCar-SP e professora da Universidade Católica Dom Bosco, comenta a respeito dessa necessidade (1999, p. 84):

> É um direito da humanidade, que a busca da verdade prossiga em toda parte, sem constrangimento [...]. A universidade tem por tarefa procurar a verdade na comunidade dos pesquisadores e dos estudantes.

No século XVIII há o movimento Iluminista e o Renascimento, antes incipiente, se apresenta com toda força, afirmando o pensamento positivista, pragmático e utilitarista. E no seguinte século, há o advento da Revolução Industrial e a universidade napoleônica na França, conferindo o golpe decisivo à universidade medieval. O ensino segue a linha do Iluminismo que solicita produções científicas e profissionais qualificados,

> ...reformas universitárias e novas fundações [se multiplicam] acompanhando o progresso da tolerância religiosa, [refletindo] um verdadeiro desejo de modernização, geralmente pelo viés de uma adequação mais estréia com as necessidades dos estados e das profissões. (BITTAR, 199, p. 82)

O maior estreitamento do saber com as atividades econômicas enfraquece o poder papal, mas aguça a vontade governamental sobre esse aparelho ideológico, que assumindo os salários e a construção das universidades interfere politicamente nas mesmas.

Nesse período as universidades retomam a liderança do pensamento e se transformam em centros de pesquisa. É na Universidade de Berlim na Alemanha que se dá o marco da transformação nos conteúdos e posturas acadêmicas.

[7] Heliocentrismo: Teoria que considera o sol o centro do universo [e não a Terra como acreditavam os antigos].

São três os modelos que marcarão os novos métodos educacionais. O alemão, baseado nas idéias experimentais; o francês, destinado à oferecer ao Estado estabilidade através da formação de profissionais de acordo com as demandas da sociedade pós-revolucionária, e por último no século XIX o norte-americano, vinculado à sociedade urbana e industrial que se formava, direcionado ao ensino superior às massas.

Na Europa são eliminados os últimos resquícios do feudalismo para instalação do capitalismo, animado pelas constantes descobertas científicas e industriais. O êxodo rural promove o aumento demográfico das cidades urbanas e é conferida maior atenção ao ensino superior, especialmente para profissionalização, pois a qualidade nos recursos humanos era uma exigência cada vez maior.

Pode-se verificar que as universidades saem do padrão estudantil e da busca livre pelo saber para se transformar em instituições grandiosas e importantes, servindo de esteio para o progresso das regiões através de estudos e pesquisas nas diversas áreas do conhecimento. Seu poder de alterar as relações humanas e econômicas, pelas informações que expõem, atiça a cobiça de governantes e religiosas que tentam cerceá-la, mas não conseguem frear a influência primeira do progresso econômico e tecnológico, que passam a indicar o caminho pedagógico do porvir.

As mudanças tardaram a chegar nas Américas. No Brasil, diferente dos demais países da América Latina, colonizados por espanhóis, tem a sua primeira universidade somente no final do século XIX, quase três séculos de diferença.

1.2 O Ensino Superior no Brasil

Apesar dos esforços dos jesuítas, principalmente do padre Antonio Vieira, o ensino superior só é institucionalizado no Brasil com a vinda da coroa portuguesa para colônia.

O Brasil-Colônia sob a proteção do governo inglês modifica suas estruturas para comportar os imigrantes e atender as exigências do “aliado”. Os portos são abertos às nações amigas e a produção de manufaturas é proibida, rompendo o pacto colonial. O motor econômico é a agricultura cafeeira, açucareira e de algodão. O comércio se desenvolve e a mão-de-obra escrava é substituída pela assalariada, repercutindo paulatinamente na busca por uma educação profissionalizante.

Em 1808 é criada a Imprensa Régia para divulgação dos atos imperiais, acelerando o fluxo de informações, impulsionando a criação de dois grandes jornais, A Gazeta e a Idade de ouro no Brasil, no Rio de Janeiro. O Correio Brasiliense aparece em 1811, impresso em Londres e único de oposição á política imperial. A Biblioteca Nacional é fundada em 1810, e assim a cultura e a educação ganham espaço (ARANHA, 2002, p. 79-83).

Os primeiros cursos superiores no Brasil foram os de caráter militar, para formar oficiais do exército e da marinha na defesa da Colônia, seguidos pelos cursos de Engenharia, Medicina e Direito também atrelados ás questões militares. A primeira faculdade foi a de Medicina na Bahia (1808), nesse mesmo ano é criada também a Academia Real da Marinha, e dois anos depois a Academia Real Militar. O ensino do Direito tem sua vez em São Paulo e Recife em 1854, após ter sido proclamada a Independência (1822). Duas décadas depois há a separação dos cursos civis dos militares sendo constituída a Escola Militar e a Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Com isso,em 1900 o ensino brasileiro é consolidado (LUCKESI et at, 2003, p. 33-35).

É importante ressaltar que alguns autores não consideram estas como as sendo as primeiras universidades, mas sim “cursos técnicos”, e a criação dos mesmos surge também do grande interesse de comerciantes em se ter uma universidade ao ponto oferecerem ajuda financeira para obra.

O modelo seguido nas universidades brasileiras era o Francês, ainda dirigido pelo Papado no qual eram trabalhadas as ideologias da Contra-Reforma. A didática era fechada aos questionamentos havendo maior dedicação ao ensino que à pesquisa, e a estrutura de poder era organizada em cátedras vitalícias.

Antecedendo a República Velha (1889-1930), vários projetos são apresentados ao Império. Segundo Anísio Teixeira mais de 24 projetos de universidade foram expostos durante o período que vai de 1808 a 1889. A preferência dos políticos da Primeira República era a criação de cursos técnicos profissionalizantes.

Próximo à comemoração do centenário de independência é criada a universidade do Rio de Janeiro (1920), resultado do decreto n.º 14.343. No embalo, outros estados criam universidades, como São Paulo, Paraná e o Amazonas com pouco tempo de exercício.

Várias instituições de estudo são fundadas ajudando na garantia dos debates referentes à educação superior, especialmente às questões de pesquisa. Em 1916 surge a Academia Brasileira de Ciências que atuava contra o positivismo. A Associação Brasileira de Educação (ABE), surge em 1924 e dá continuidade aos debates (OLIVEN in SOARES, 2002, p.31-42. passim).

Na Nova República (1930-1964), o ensino superior no Brasil vai sendo arrumado. É criado o Ministério da Educação e Saúde (1931) e aprovado o estatuto das Universidades Brasileiras estabelecendo que três ou mais faculdades unidas podiam se chamar universidade. Nesses termos são abertas em 1933 as universidades de Minas Gerais, e um ano depois a de São Paulo. Esta se torna um marco divisório na história do sistema educacional brasileiro. Com professores pesquisadores europeus a faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (atual USP), irá se transformar no maior centro de pesquisa do Brasil, quebrando a hegemonia do método francês.

Em 1935 teremos notícia de uma dos grandes lutadores da educação brasileira, Anísio Teixeira, na tentativa de criar a Universidade do Distrito Federal, “voltada à renovação e ampliação da cultura e aos estudos desinteressados”. (OLIVE, 2002, p. 34). Porém quatro anos depois a universidade é extinta por falta de atenção governamental. Outro motivo é a introdução do método norte-americano.

Não deixando de participar os estudantes se organizam e em 1938 compõem a União Nacional dos Estudantes (UNE).

No período de 1945-1964 há a federalização de universidades e 22 são criadas nos estados, formando o sistema público de educação superior como hoje o conhecemos. Universidades particulares também se formam, 8 católicas e 1 presbiteriana.

Necessitando do apoio igrejista o presidente Getúlio Vargas concede a ela livre influência nos trabalhos pedagógicos. Nesse período os debates e congressos sobre educação despontam pensadores. Além de Anísio há Darcy Ribeiro e intelectuais questionando o ensino na busca por novos métodos didáticos e conteúdos de caráter nacional, objetivando amenizar a influência religiosa secular. Mas a ditadura tem início em 1937 e o sonho é guardado para mais tarde.

O processo de industrialização cresce na década de 30, infla as cidades e se faz necessário o preenchimento de funções do setor público e privado. A demanda por ensino superior aumenta sendo confirmado pelo crescimento das matrículas, todavia as universidades não conseguiam absorver a todos precisando de profissionais qualificados, os cursos do Ensino Médio Técnico são equiparados aos acadêmicos.

A idéia de possuir uma universidade com o perfil brasileiro volta ao cenário nacional em 1960 apesar da morte de alguns revolucionários. Anísio Teixeira novamente com Darcy Ribeiro e intelectuais “em moldes novos”, reorganizam o projeto de criação da Universidade de Brasília. A idéia cresce, mas se depara com o golpe militar pois,

> ... as ditaduras são incompatíveis com os debates e a verdadeira universidade, que deve ser edificada sobre e a partir do debate livre das idéias. [...]. Em nosso país, mais que nos países latino-americanos colonizados pelos espanhóis, o processo de transplante cultural, ligado sempre aos interesses do colonizador, condicionou as funções das universidades existentes. Sempre importamos técnicas e recursos culturais. (LUCKESI, 2003, p. 35)

Na corda bamba entre a ideologia política e o modelo econômico, na luta por uma educação com identidade brasileira e as mudanças econômicas mundiais levando à internacionalização, a pressão ditatorial, faz com que educadores, filósofos, artistas e demais pensadores brasileiros busquem o exílio. Os brasileiros sentem o arrocho salarial, e as cidades sem condições de se adequarem ao êxodo rural ficam as minguas com o empobrecimento e bolsões de misérias. A liberdade de expressão também é vetada.

> Os brasileiros perdem o poder de participação, e a ditadura se impõe, violenta (...). Diversas medidas de exceção acentuam o caráter autoritário do governo: Lei de Segurança Nacional, Serviço Nacional de Informações, prisões políticas, inquéritos (...) a repressão recrudesce, com torturas e mortes (...) a ditadura coloca fora da lei as organizações subversivas como a UNE (...) É proibida qualquer tentativa de ação política: Estudante é para estudar; trabalhador para trabalhar. (ARANHA, 2002, p. 211)

Dentro desse quadro sócio-político foi promulgada, após 14 anos de tramitação, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira (1961). São criados o parecer 480/83 e a resolução n. 2/84 que fixou um Currículo Mínimo aos cursos (NEVES in SOARE, 2002, p. 43-50, Passim) .

Na visão dos estudiosos, apesar de maior flexibilidade, pouca coisa mudou. As cátedras continuaram vitalícias, as faculdades isoladas e a universidade voltada apenas para o ensino.

As revoltas dos estudantes permaneceram e surge o Ato Institucional n.º 5 (AI-5) colocando os poderes Executivo e Legislativo nas mãos do presidente. No mesmo ano, 1968, são criados os departamentos, o sistema de crédito, o vestibular classificatório e o ciclo básico com a aprovação da Lei de Reforma Universitária, n.º 5.540/68 no Congresso Nacional.

No ano seguinte o decreto-lei n.º 477 instaura a perseguição às universidades, proibindo aos professores, alunos e demais funcionários das escolas toda e qualquer manifestação de caráter político. Muitos são aposentados, outros demitidos e os demais exilados. A procura pelos cursos cresce, mas apesar de

aprovados os alunos não conseguem o acesso às universidades. Nem o atraso de instalação no período colonial foi tão prejudicial á educação e cultura brasileira como a ditadura militar. Os investimentos existentes foram voltados apenas a alicerçar o crescimento econômico (ARANHA, 2002, p. 213).

Em 80 o enfraquecimento do governo militar se dá continua e lentamente, deixando um rastro de desastres na educação. O primeiro governo civil surge em 85, através da eleição indireta toma posse José Sarney. A Constituição nasce em 1988 conferindo além de maior liberdade em outros setores, maior autonomia às universidades. Vários Territórios Federais se tornam estados, e em 1989 através do decreto n.º 98.127da Lei n.º 7364 as universidades de Tocantins, Amapá e Roraima são criadas.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9.394/96 é promulgada, sendo introduzido o método de avaliação regular e sistemático para o credenciamento das IES, sendo a "... autorização e o reconhecimento de cursos, bem como credenciamento de instituições de educação superior, [...] prazos limitados...". E em seu artigo 52, inc.II institui que um terço do corpo docente deve ter titulação acadêmica em mestrado ou doutorado[8]. A nova lei também torna mais autônomas as universidades por poderem agora,observadas as diretrizes gerais, fixar os programas de seus cursos. Estas alterações repercutem imensamente nos Currículos que estão mais Plenos e admitem o "paralelismo entre formação básica e formação profissionalizantes". (MARQUES, 1991, p.18)

A avaliação é instituída e aplicada a docentes, discentes e sobre a estrutura física dos cursos e do campus. Assim é criado o Exame Nacional de Cursos – ENC, o Provão, que vem confirmando ser o ensino público superior o de melhor qualidade na formação, apesar das dificuldades.

Outro fator que chama atenção é o crescimento rápido nos últimos anos das IES na rede privada. A quantidade de alunos nas mesmas cresceu 51% a mais que nas da rede pública, no período de 98 a 2002. Esses dados são do Senso de 2002

[8] Informações retiradas do Trabalho de Conclusão de Curso de Selamr Levino, 2002, p. 33.

do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC)[9].

O Brasil entra no século XX tentando se desfazer dos impactos profundos deixados pelos governos ditatoriais e idéias importadas pela educação brasileira, buscando uma identidade própria e sua independência. Os conflitos e debates sobre o ideário nacionalista, a especialização e as técnicas exigida pelo mercado, ainda permanecem. As dúvidas nacionais quanto à função do saber difundido nas universidades continuam a exortar discussões, refletindo uma necessidade da educação mundial, que procura nova diretriz para desenvolver as ações de pesquisa, ensino e extensão. O generalismo ou a especialização?

> Acima de tudo, estamos passando por um momento único na história, em que a sociedade brasileira parece ter despertado para a importância da educação. Contudo, ainda há desconfiança no papel da universidade.
> Cristovam Buarque [10]

1.2.1 Os primeiros cursos de Jornalismo no mundo

O processo de industrialização é consolidado no século XIX, no qual o sistema fabril se intensifica, novas técnicas de produção são inventadas, as comunicações se tornam mais ágeis e outras fontes de energia são descobertas. Os operários se aglomeram nas cidades, que sem estrutura se transformam em quadros vivos da miséria. O capitalismo iniciado anos antes sai do liberalismo para o capitalismo dos monopólios e são seguidos pelos banqueiros.

Nesse contexto econômico há uma crescente demanda por mão-de-obra técnica, influenciando nos conteúdos das escolas. A informação diária é solicitada pelo novo estilo de vida econômica. As publicações surgem e o número de tiragens cresce.

---

[9]Informação obtida do endereço eletrônico www.inep.gov.com.br/superior/censosuperior
[10] Citação obtida em entrevista feita com o Ministro Cristovam Buarque na Revista Ensino Superior, 2003. Site: www.ensinosupeiror.com.br

O impulso par a área da Comunicação vem da Europa, pólo técnico-científico da época, principalmente da Suíça, Alemanha e Inglaterra. Mas a primeira indicação para criação de um curso de Jornalismo surge em 1869 por Robert Lee, reitor do Washington College, de Lexington. Mas o mesmo não foi apoiado pela imprensa da época. Mais tarde a idéia viria a ser posta em prática, algo possível somente com a contribuição dos estudos das universidades dos Estados Unidos da América.

Algumas universidades, enfrentando as empresas jornalísticas, tentaram implantar os cursos, como a KANSAS University, Cornel University, Columbia University e outras, mas não lograram êxito.

A oposição à criação dos cursos só viria a arrefecer após a publicação do artigo "*The College of Journalism"* de Joseph Pulitzer, patrono da escola e financiador do projeto. O documento veiculado em maio de 1914 na North American Review ajudou na conquista de adeptos para a idéia. Um dos aliados foi o presidente da Associação de Imprensa de Missouri, Walter Williams, sendo responsável mais tarde pelo planejamento e instalação do curso de Jornalismo da Missouri University.

As atividades foram iniciadas em setembro de 1908 em condições de igualdade com os demais cursos da instituição. Com a prosperidade da empreitada, em 1912 teve início o curso de Jornalismo da Universidade de Colúmbia, de Nova York. A partir do primeiro as demais universidades começam a implantas seus cursos (NUZZI in KUNSH, 1992, p. 20-21).

Atualmente nos Estados Unidos da América, defensor do tecnicismo, o diploma se tornou um fator secundário na admissão de jornalistas, importando para as empresas a capacidade técnica, segundo a jornalista Ana Cláudia Paixão[11]. Ocorre que os cursos universitários norte-americanos são destinados a formar "generalistas" que buscam as especializações para se definirem profissionalmente. Este, considerado fator diferencial, fazendo com que muitos jornalistas, mesmo com a não obrigatoriedade do diploma, recorrerem às Pós-Graduações para adquirir as habilidades da atividade jornalística antes de ingressar ao mercado.

[11] Entrevista realizada via e-mail com Ana Paula Paixão, jornalista formada na UFRJ e mestra em Jornalismo pela Columbia University, em Nova York.

Ana Cláudia comenta ainda que as Assessorias de Imprensa no passado, conhecidas como escritórios de Relações Públicas hoje respondendo como empresas de Comunicação, são encaradas como uma opção de ganho financeiro maior, e que o jornalismo on-line, há tempos atrás estava arregimentando grande quantidade de jornalistas, se encontra em declínio.

As informações batem com os fatos e gastos. No exterior, em especial nos Estados Unidos, país com as maiores empresas de Comunicação, as negociações são intensas, o mercado em ascensão e lucros altos. Um bom exemplo é o investimento de US$ 1,5 bilhão da Casa Branca nas ações de relacionamento público[12].

1.2.1.1 Os cursos de Jornalismo no Brasil

O Jornalismo no Brasil tem início com a prática da função com a chegada da imprensa com a vinda da família real portuguesa e a criação da Imprensa Régia. Alguns jornais são criados e o país passa pelo trânsito tecnológico impulsionado pela Revolução Industrial e precisa introduzir nos incipientes parques gráficos as atualidades da tipografia.

As tiragens de jornais aumentam, as tecnologias chegam, mas somente em 1908 ganha vez e voz o sonho de criar um curso de Jornalismo no Brasil, e quem o leva adiante é o jornalista Gustavo de Lacerda, que ao ser empossado como presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), discursa a favor da abertura de cursos de jornalismo no país. A entidade viria, mesmo após a morte de Lacerda, a dar continuidade ao sonho, chegando a esboçar um projeto para concretizar o fato (NUZZI in KUNSH, 1992, p. 21-23).

Não desistindo dos ideais a ABI promove em 10 de setembro de 1918 o I Congresso Brasileiro de Jornalistas, no qual os participantes João Guedes de Mello e Raphael de Borja Reis apresentam uma proposta de escola de Jornalismo. Na proposta, o curso teria a duração de três anos e voltado a instruir o acadêmico à prática jornalística, mas que também teriam aulas teóricas. O plano contava com a

[12] Matéria publicada na Revista Imprensa de julho de 2002. Ano. 15. N.º 173, p. 20-22, por Rodrigo Manzano. Assessorias de Comunicação - Muito mais que um release.

fundação de um jornal laboratório possibilitando a prática. A mesma, foi encaminhada ao Governo Federal na tentativa de sensibilizar as autoridades com o objetivo de conseguir sua viabilização, possível somente vários anos depois.

Mais uma tentativa é posta em ação. Pedro Ernesto, então governador do Distrito Federal na década de 30 , convida Anísio Teixeira para planejar a instalação do curso de Jornalismo em moldes inovadores, que é posto em exercício em 1936/1937,mas tem vida curta como golpe do Estado Novo, em 1937.

Depois de difundida, a mensagem necessitava de amparo Legislativo, o que começa a ter início em 1938. Empenhados nas discussões e propagando a importância do curso a ABI transpõe uma das barreiras, a regulamentação. No mesmo ano, o decreto-lei n.º 910 que viria a tratar das condições de trabalho em empresas jornalísticas como pré-requisito indispensável para atuação nas empresas, como também confirmam a criação do curso.

> Artigo 17 – O Governo Federal, de acordo como os governos estaduais, promoverá a criação de escolas de preparação ao jornalismo, destinadas à formação dos profissionais da imprensa.
> Parágrafo Único – Criadas as escolas de que trata este artigo, a inscrição no Registro de profissão Jornalística só se fará para os novos profissionais em face do diplomas do curso feito ou exames prestados em tais escolas. (SANTOS, 1994, p. 48).

Porém, a ausência de diálogo entre o governo federal e estadual transforma o decreto em letra morta.

Outro decreto-lei de n.º 5.480, instituído no ano de 1940 pelo então ministro da Educação e Saúde, Gustavo Campanema criaria legalmente o curso de Jornalismo integrado ao sistema de ensino superior brasileiro. Todavia, a atenção de todos se dirigia para o início da Segunda Guerra Mundial, fazendo com que a regulamentação do decreto-lei ficasse para dali a seis anos,quando outro decreto de n.º 22.245 de 1946, que regulamentava o anterior, fosse publicado a mando do ministro da Educação e Saúde Ernesto de Souza Campos, proporcionando condições para

instalação e funcionamento dos cursos. Neste último decreto os jornalistas inscritos em associações de classe e que estavam atuantes, de 1947 a 1948, não teriam que prestar o vestibular.

Apesar de todo esforço da classe, a criação do primeiro curso não ficaria como setor público. Coube ao jornalista e empresário Cásper Líbero, dono do jornal A Gazeta, a fundação do primeiro curso de Jornalismo no Brasil, instalado quatro anos após sua morte, em 1947. Em seu testamento, que havia sido lavrado cinco meses antes de sua morte, o empresário desejava que ao falecer fosse criada uma fundação constituída por todos os seus bens, administrada pelos funcionários mais antigos e que fosse criado um curso superior na área de Jornalismo. A viabilidade do projeto foi possível graças ao convênio firmado entre a Fundação Cásper Líbero e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com as primeiras aulas no auditório dA Gazeta (MELO, 1974, p. 19-45, passim).

Dois anos depois, em 1948, há a alteração do decreto-lei n.º 22.245 modificando o currículo e exigindo de todos os interessados a ingressar no curso a passagem pelo Vestibular.

Em 1948 tem início as atividades na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Este foi o segundo curso de Jornalismo brasileiro,que teve a grade curricular reestruturada, em 50. A proliferação continua: em 1968 são 20 os cursos nacionais; passando para 72 em 972.

Vários fatores servem de incentivo a tal progresso. Em 1958 surge o Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América Latina (CIESPAL), que em seus seminários indicou propostas para mudanças curriculares dos cursos. Há também o Conselho Federal de Educação (CEF), através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação fez algumas alterações na estrutura de ensino do Jornalismo; a determinação do professor Luiz Beltrão da PUC/Recife nos estudos sobre o programa escolar e a metodologia aplicada às comunicações, voltando-se para a formação de profissionais e especialistas e para pesquisa; a fundação em 1962 da Universidade de Brasília (UnB) e a instalação da Escola de Comunicações

e Artes (ECA/USP) em 1966 com o novo esquema curricular com pedagogia diferenciada das demais e a faculdade dos Meios de Comunicação (FAMECOS) da PUC/Porto Alegre (NUZZI in KUNSH, 1992, 24).

Mas o crescimento se deve em grande parte também á perda das forças aliadas aos Estados Unidos na revolução cubana, dando início a Guerra Fria. Com isso a UNESCO, órgão da ONU responsável pela educação no mundo, cria em 58 o Centro Internacional de EstudoS Superiores de Jornalismo – Ciespal, na tentativa de impedir a difusão dos ideais da revolução. Um dos técnicos formados pelo Ciespal,Celso Kelly é designado pelo Conselho Federal de Educação – CEF, formulando o Currículo Mínimo, passando o curso de Jornalismo a ser denominado de Comunicação Social e a abarcar 4 habilitações. É dada maior ênfase às aulas práticas, saindo o modelo europeu para o norte-americano; e o perfil que se busca é o do comunicador polivalente. Nos anos seguintes há uma maior abertura aos outros veículos de Comunicação, a prioridade saí do jornal impresso[13].

Na década de 70 aumentam os debates acerca das finalidades, estrutura e metodologia do ensino. Em 96 com a nova Lei de Diretrizes e Base os currículos se tornam plenos e as disciplinas teorias e práticas podem ser trabalhadas paralelamente, impulsionando a uma pedagogia interdisciplinar. Novos setores são abetos na economia solicitando um olhar dos cursos ao mercado de trabalho procurando reduzir o descompasso de anos.

[13] MEDITSCH, Eduardo. Crescer para os lados ou crescer para cima: o dilema histórico do campo acadêmico do jornalismo. 1999. O texto pode ser encontrado no endereço eletrônico: www.bocc.ubi.pt

CAPÍTULO II

2. O Curso de Jornalismo no Extremo Norte do Brasil

Como pudemos observar até o momento, os cursos universitários se mostram reflexo do desenvolvimento da própria universidade na qual estão inseridos. Sendo, portanto, de significativa importância, em primeira instancia, resgatarmos o percurso da instituição para obter uma melhor visão sobre as estruturas pedagógicas nas quais os cursos se alicerçaram e que ainda interferem no seu desenrolar.

Para tanto faremos um breve relato histórico da criação da Universidade Federal de Roraima, única instituição superior de ensino federal de Roraima e também a abrigar o curso de Comunicação Social com Habilitação ao Jornalismo.

2.1 Universidade Federal de Roraima: um nascimento na contramão

O surgimento da Universidade Federal de Roraima – UFRR, no relato de professores que fizeram parte do primeiro quadro de funcionários, como Romanul Bispo, hoje diretor do Centro de Ciências Administrativas e Jurídicas (CECAJ), quando ainda se tentava confirmar a instalação da instituição, é no mínimo curioso.

Localizada na capital do recém criado estado de Roraima, a UFRR surge legalmente em 1989 através da Lei n.º 7364 de 12 de setembro pelo então presidente José Sarney, juntamente com as universidades do Amapá e Tocantins. Porém a UFRR foi a única a funcionar de fato no ano seguinte, 1990. Este acontecimento foi resultado das conquistas de representantes políticos de Roraima que conseguiram no MEC a indicação de José Hamilton Gondim Silva para reitor

Pró-Tempore, o qual foi designado pelo presidente, assumindo após 14 dias da criação do decreto ficando durante seis meses sendo o único funcionário da UFRR[14].

Em princípio a universidade de Roraima era apenas um esboço carregado por Gondim dentro de pastas. Segundo Rui Pain[15], chefe de gabinete da reitoria na época, a UFRR em início ficou instalada no prédio da Delegacia do Ministério da Educação (DEMEC)[16], onde hoje é o Instituto Evaldo Lodi (IEL). Depois, após negociações mudou-se para uma sala na Secretaria de Indústria e Comércio, onde hoje está instalado o Tribunal de Contas do Estado (TCE). Melhor alojados, utilizaram a estrutura física e material administrativo para organizar a universidade, elaborando os editais para contratação do corpo docente e técnico-administrativo e buscando meios financeiros para sustenta-la. Isso no final de 1989.

Em janeiro de 1990 assume o governo do recém estado de Roraima, através de eleição direta, Ottomar Pinto, o qual autorizou a utilização do bloco I e depois o II, do que deveria ter sido o Centro Administrativo do estado, mas que após a saída de Getúlio Cruz do governo, a idéia foi abandonada restando a estrutura das salas iniciais e a cobertura, somente.

Cinco meses já haviam se passado quando as negociações com a Secretaria de Ensino Superior (SESU) deram resultado. A UFRR conseguiu fechar um convênio dando possibilidades, mesmo que precárias, ao processo de implantação da universidade servindo para pagar os professores e o pessoal técnico. As contratações tinham que acontecer em ritmo acelerado. “Já se sabia que ao assumir, Collor de Melo iria enxugar a máquina extinguindo diversos órgãos federais. Então tínhamos pressa, fomos na contramão dos acontecimentos. Ele demitindo e nós admitindo”, conta Pain.

Assim os professores e técnicos são contratados forçando o governo federal a consolidar a UFRR. Outro problema estava na proposta orçamentária da União, ocorrida nos meses de junho e julho de 1989 sendo impossível o ingresso da UFRR,

[14] Catálogo Geral – UFRR, 1994. Passim
[15] Entrevista realizada no dia 19 de dezembro de 2003 com o Rui Pains, Relações Públicas da UFRR.
[16] A delegacia foi extinta após a pose de Fernando Collor de Melo, em 1990. A permissão para o uso foi dada pelo então governador nomeado RomeroJucá.

pois a mesma só viria a ser criada em setembro, quando o orçamento entra em fase de votação.

Bispo afirma terem sido esses os motivos pelos quais os salários atrasavam por 4 meses seguidos. Porém, Pain revela que somente a metade do salário era paga. Dessa forma os professores, a maioria vinda de outros estados, acabaram por ficar alojados nos fundos do Ginásio Hélio Campos.

Dificuldades à parte, a intenção dos professores e reitor era criar uma situação na qual o governo federal não voltasse atrás. Com professores contratados, aluno matriculado e pessoal técnico, faltavam apenas verbas para implementação dos trabalhos. Os blocos III e IV viriam a fazer parte do Campus um ano depois, 1991, por meio de invasões. Por isso, o bloco III era chamado por muitos de “Kwait”, uma relação à invasão do Iraque a cidade do Irã, conta o professor Romanul Bispo[17].

Nesse mesmo ano resoluções foram editadas por Gondim, criando Faculdades e Institutos, Departamentos, cinco cursos de graduação de Licenciaturas Plenas e Bacharelados, (Matemática, Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Letras e História), a aprovou a estrutura curricular e normatizou o Vestibular, o qual foi realizado em janeiro de 1990, oferecendo 180 vagas.

Após o resultado dos concursos e de efetuadas as contratações dos primeiros funcionários, que de imediato foram lotados nos departamentos conforme a área de atuação, e os estudantes aprovados são matriculados, é dado início às atividades acadêmicas. O corpo funcional era composto por 59 professores e 96 técnicos-administrativos e contava ainda com um Plano Diretor Físico.

Na medida em que a universidade vai se estruturando, o Conselho Diretor, Universitário e o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão que compõem a administração superior junto com o Reitor, foram sendo instalados.

[17] Entrevista realizada dia 4 de dezembro de 2003 com Romanul Bispo.

Nos anos seguintes a universidade se expande tanto no número de funcionários quanto no de acadêmicos e área física, passando a possuir dois campi: o Paricarana e o Cauamé. No ano de 2002 a UFRR ofereceu 550 vagas no vestibular, e tinha matriculado 3.630 estudantes distribuídos nos 18 cursos, com um total de 333 docentes no ensino superior, sendo 217 efetivos e 116 substitutos, com 43 doutores, 109 mestres e 39 especialistas, revelando uma significativa melhoria dos recursos humanos[18].

A UFRR é composta por 6 centros acadêmicos, nos quais os 18 cursos oferecidos pela instituição são agrupados por áreas afins. O Centro de Ciências e Tecnologia (CCT) compreende os cursos de Engenharia Civil, Física, Química e Matemática (Bacharelado e Licenciatura); o Centro de Ciências Agrárias (CCA) composto somente pelo curso de Agronomia; o Centro de Ciências Sociais e Geociências (CCSG), que possui os cursos de História, Geografia e Ciências Sociais; o Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), com os cursos de Biologia (Licenciatura e Bacharelado) e o de Medicina; o Centro de Comunicação, Educação e Letras (CENCEL), com os cursos de Comunicação Social, Letras e Pedagogia; e o Centro de Ciências Administrativas e Jurídicas (CECAJ), que abrange os cursos de Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Direito e Secretariado Executivo Bilíngüe.

O quadro técnico-administrativo também vem acompanhando a evolução da IFES, compõem seu quadro 180 técnicos, 65 com ensino superior e 72 com ensino médio.

Atendendo as comunidades do interior, atualmente são ministrados cursos distribuídos em: Pedagogia, Letras e Matemática nos municípios de Paracarima, Bonfim, Mucajaí, Caracaraí, São Luís do Anauá, São João da Baliza, Rorainópolis, Alto Alegre e Normandia. Os cursos são de licenciatura, pois o objetivo é auxiliar os municípios a qualificar a docência do ensino Fundamental e Médio,graduando seus professores[19].

[18] Relatório de Gestão – UFRR, 2002.
[19] Informações obtidas com José Darcísio Pinheiro, chefe de gabinete da reitoria.

Diferente do passado quando apenas o reitor reapresentava a administração, a UFRR já trabalha com o Conselho Diretor, o Conselho Universitário, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão e a Secretaria dos mesmos, desempenhando todas as funções.

A Reitoria seguiu o mesmo caminho. Sua formação atual conta com a Vice-Reitoria, Gabinete, Assessoria de Comunicação Social, Cerimonial, Procuradoria Jurídica, Pró-Reitoria de Graduação, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis, Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Social, Controladoria, Comissão Permanente de Pessoal Docente e Comissão Permanente de Pessoal Técnico-Adminisrativo. E ainda com órgãos complementares tem a Biblioteca Central e o Centro de Computação[20].

Porém não foi fácil adquirir a ordem para concretização dos planos da instituição. Nos dois últimos anos da década de 90, denúncias de corrupção abalaram a administração do campus. As acusações foram dirigidas ao ex-Reitor Sebastião Alcântara e Vice-reitor Alan Lemos. Nesse intrincado processo, com a participação de todos os segmentos da universidade: professores, estudantes e corpo técnico-adminsitrativo participaram da primeira eleição para Reitor da UFRR, sendo elegendo o professor Fernando Menezes.

A eleição direta para Reitor era um fato novo pois não havia autorização do MEC e antecipava as possíveis alterações na lei que rege as IES confirmando a conquista do voto direto e o fim do voto paritário, pois na época o Colégio Eleitoral de cada instituição, composto por membros dos Conselhos Superiores, elaboravam uma lista tríplice para apreciação do MEC,de acordo com a lei n.º 9.192/95, artigo 16, inciso I:

> *O Reitor e o vice-Reitor de Universidade Federal serão nomeados pelo presidente da república e escolhidos entre professores dos dois níveis mais elevados da carreira ou que possuam título de doutor, cujos nomes figurem em listas tríplices organizadas pelo respectivo colegiado máximo, ou outro*

[20] Trecho retirado do Trabalho de Conclusão de Curso de Selmar Levino, 2002, p. 48.

> *colegiado que englobe, instituído especificamente para este fim, sendo a votação uninominal*[21].

Em 2003 as eleições ocorreram novamente e chamaram atenção pelas proporções que vem tomando, assemelhando-se a campanhas de partidos políticos. Faixas, outdoor, camisetas e propaganda política em espaço pago nas emissoras de tevê, configurando estudantes e professores como cabos eleitorais transformando o campus num palco político. O resultado, anunciado no dia 4 de dezembro, revelou ser Roberto Ramos e Gioconda Martinez, respectivamente Reitor e Vice-Reitora.

Com a missão *de,*

> ...contribuir para o desenvolvimento do Estado por meio do Ensino, Pesquisa e Extensão, elevando a qualidade de vida na região, sugerindo soluções para os desafios Amazônicos e estimulando o conhecimento e o convívio entre as muitas populações viventes nesse espaço fronteiriço"[22] [a universidade vem desenvolvendo vários projetos como o de Alfabetização, de Educação Continuada, Culturais e ouros][23].

Um deles é o Projeto Insikiran, organizado em parceria com a Associação dos Professores Indígenas de Roraima – APIR e a UFRR, que está possibilitando a graduação de professores indígenas. O intuito do projeto é beneficiar os professores com cursos de licenciaturas que abarquem conteúdos regionalizados, valorizando a realidade etno-cultural indígena.

Muito da evolução da UFRR está presente no Plano de Gestão 2000-2004, elaborado pela atual administração, que discutiu juntamente com professores e técnicos, instituições e setores da sociedade com a finalidade de proporcionar um planejamento participativo.

---

[21] Idem, p. 49.

[22]

[23] Relatório de Gestão – UFRR, 2002.

Nas palavras de Neusa Maria Mota, Pró-Reitora de Planejamento e Desenvolvimento Institucional a evolução da instituição tem explicações. Num período anterior não havia planejamento na UFRR, a Pró-Reitora de Planejamento e Desenvolvimento Institucional só existia no nome, pois o que se fazia eram atos administrativos, de execução. Podemos dizer hoje que a UFRR tem um planejamento, no qual há o levantamento de dados; uma análise dos indicadores e uma projeção de ações para o futuro próximo e longínquo[24], argumenta. E complementa dizendo que somente assim podemos saber onde estamos, porque estamos e como atuar para chegar onde queremos.

2.2. O curso de Jornalismo em Roraima: o desafio que não surgiu no bar

A escassez de dados sobre o referido curso fez com que ferramenta de pesquisa como entrevistas com professores participantes da fundação e da curta caminhada do curso nos conferisse uma história próxima da realidade.

A idéia inicial para criação do curso surgiu de conversas entre professores e os técnicos administrativos, na UFRR e fora dela. Pain afirma que a maioria dos profissionais do quadro da UFRR eram novatos na cidade, o que possibilitou com o tempo um vínculo de amizade entre eles, que ao término das atividades acadêmicas iam a bares para conversar sobre o assunto comum a todos, a UFRR.

Comenta ainda, que o curso de Comunicação Social da UFRR surgiu da necessidade em se qualificar os profissionais que estavam atuando na área, a grande maioria sem formação acadêmica. Não se sabe ao certo de quem surgiu a sugestão, sabe-se apenas que este foi o intuito, comum a muitos outros cursos.

Mas a investida não deixou de ser um desafio, que começaria a ser cumprido no início do ano 1991 quando foi realizado o primeiro vestibular para o curso de Comunicação Social da UFRR, ofertando apenas 20 vagas, mas o mesmo ainda não existia. A Portaria de n.º 25/91 – Cuni, que viria a lhe conferir existência foi publicada somente em novembro do mesmo ano. Outro motivo da demora era a necessidade

[24] Entrevista realizada no dia 10 de dezembro de 2003.

em se preencher a vaga de Professor Auxiliar para área, possível com a divulgação do resultado do concurso público[25].

O projeto da criação dos cursos, inclusive o de Comunicação Social, configuravam bem o esforço dos docentes em fazer confirmar a UFRR como IFES, mesmo que deixasse resquícios de improvisação para o futuro. Não havendo pessoal técnico qualificado para os cursos recém montados, eram os professores de áreas afins que definiam as disciplinas. Assim, podemos constatar que semelhante à instituição que o abriga, o curso de Jornalismo da UFRR assumiu além do caráter de pioneiro o de coragem.

Ao chegar o primeiro professor da área já existia uma grade curricular e um projeto de criação do curso, os mesmos alterados. Goretti comenta que a grade elaborada retratava bem a falta de conhecimento técnico por parte dos demais docentes. “O curso já possuía uma grade mas não correspondia às necessidades do momento, estava muito ultrapassada. Então começamos a fazer algumas alterações e assim aos poucos o curso foi caminhando, mas faltava muito”[26]. A nova grade curricular teria como modelo o da Universidade Federal do Ceará, que enfatizava o tecnicismo norte-americano conforme revelou a professora.

Enquanto os demais docentes não eram contratados para o curso, o que veio a acontecer em 1992, as aulas eram totalmente teóricas, mas estavam concernentes com o currículo mínimo estabelecido anos atrás.

O que se verifica é a real demanda do mercado por profissionais qualificados, demonstrado na quantidade de veículo de comunicação. Em 90 o Estado já contava com 6 jornais impressos: o Estado de Roraima, o Tribuna de Roraima, O Jornal, A Gazeta, a Folha de Boa Vista e O Diário. E ainda três emissoras de rádio, uma AM e duas FM: Rádio Roraima, estatal; Rádio Equatorial e a Tropical, ainda atuantes no mercado, confirma Fernando Quintella, na época editor chefe do jornal A Gazeta[27].

[25] Catálogo Geral da UFRR, 1994.
[26] Entrevista realizada dia 4 de dezembro de 03
[27] Entrevista realizada no dia 12 de dezembro de 2003. Passim

Têm seqüência às emissoras de televisão, também três: TV Roraima, TV Caburaí e TVE Macuxi. Esta última, foi a primeira televisão educativa brasileira que teve concessão dada pelo Ministério das Comunicações a uma prefeitura de uma cidade localizada na região norte do Brasil, em 6 de setembro de 1989, pela Portaria n.º 080[28]. E seu nome, foi escolhido através de uma pesquisa realizada pela Fundação de Educação Ciência e Cultura de Roraima – FECEC, no início da década de 90.

O curso de Comunicação Social juntou-se aos cursos de Letras e Pedagogia, formando o CENCEL por afinidades na estrutura curricular. As aulas eram ministradas no bloco I, nas quais a iluminação era precária. Os recursos didáticos existiam, mas eram em quantidade insuficiente. Mas o curso continuava a caminhada.

Um semestre depois de criado as primeiras aulas práticas têm início com a instalação do laboratório de Fotojornalismo e de Radiojornalismo. Este último através do espaço cedido pela Rádio Difusora de Roraima. Aos poucos a teoria vai se intercalando a prática[29].

As dificuldades perduraram por muito tempo. O reconhecimento só veio em 1996, através da Portaria n.º 1.221, válido até o segundo semestre de 1997, permitindo o registro de diploma dos alunos concluintes. Terminado o prazo, 1998, o curso perde reconhecimento no MEC e por isso recebem a visita de membros da Comissão Avaliadora do MEC e após analisar o curso indicam os pontos para melhoria, como novas contratações de professores, titulação, reformas na estrutura física e elaboração do projeto pedagógico.

Em 2000 com o parecer favorável da relatora Vilma de Mendonça Figueiredo, do Conselho Nacional de Educação é renovado o reconhecimento do curso por mais dois anos. O favorecimento também se deve ao Convênio Interinstitucional, firmado entre a UFRR e a Escola de Comunicações e Arte (ECA-USP) em 2000 até 2002,

[28] Informações obtidas no Trabalho de Conclusão de Curso de Selmar Levino, 2002, p. 58.
[29] Informações obtidas na entrevista com a professora Goretti

permitindo o mestrado em Ciências da Comunicação, influindo na titulação atual dos docentes (LEVINO, 2002, p. 63).

O olhar não veio apenas de fora. Ainda em 2000 os alunos e professores aproveitaram o período de greve para discutir a situação do curso, traçando uma pauta com prioridades de ações para os próximos anos e escolheram a comissão que elaboraria o Projeto Pedagógico do curso. Para tanto, foi convidado o professor João Batista Almeida da Universidade Estadual de Campinas – PUC, um dos avaliadores do MEC na área de Jornalismo.

A aproximação entre discentes e docentes vem se tornando mais forte. Tanto professores se qualificam quanto os estudantes se esforçam para melhorar o conceito do curso. Isso pode ser demonstrando no progresso nos resultados obtidos no ENC/MEC. De 98 a 2002 o curso saiu do conceito C para B retornando para C em 2003. Reforçando a observação Vângela Morais, chefe do Departamento de Comunicação Social da UFRR, afirma que há um empenho dos alunos, que por terem consciência do peso coletivo na avaliação, procuram estudar para melhorar o conceito e não prejudicar os demais. E que além da avaliação cumulativa dos conhecimentos dos discentes há também uma avaliação individual[30].

O número de graduados também vem crescendo, mas ainda encontra-se irregular. Desde o início em 94 a 2001 a média de formandos ao ano era de 13, havendo uma irregularidade na quantidade. Atualmente 17 turmas foram formadas, graduando 137 jornalistas. Seu corpo discente é composto por 169 acadêmicos matriculados no período 2003.2[31]. Possui 14 docentes, sendo 8 efetivos, dos quais 5 são mestres e 3 graduados. Deste 2 estão cursando especialização, há ainda 6 substitutos.

Com a finalidade de ministrar conhecimentos que habilitem á profissão de jornalista, oferecendo subsídio cognitivos que permitam a compreensão das mudanças econômicas, e, por conseguinte sociais, sabendo revelar os fatos com

[30] Entrevista realizada no dia 5 de dezembro de 2003 com a chefe do Departamento de Comunicação Social, Vângela Morais.
[31] Informações do Departamento de Ensino e Graduação -DEG

ética, o curso de Comunicação da UFRR, atualmente com 12 anos, vem sofrendo alterações estruturais na área pedagógica, buscando uma maior sintonia com as demandas sociais e políticas, pela responsabilidade que lhe compete junto aos setores da comunidade na qual está inserida.

A nova grade curricular trazida pelo novo feitio do Projeto Pedagógico se apresenta com 43 disciplinas, 3 a menos em relação a anterior, incluindo o Trabalho de Conclusão de Curso, sendo 36 oferecidas pelo Departamento de Comunicação, 11 a mais. As demais disciplinas, como na criação da UFRR, continuam a ser ministradas pelos Departamentos de Ciências Sociais, Economia, História e Pedagogia.

2.2.1 Projeto Pedagógico: em fase de aprovação

As ações supracitadas delineiam a personalidade coletiva que antecede o surgimento do Projeto Pedagógico, o qual busca nortear os trabalhos dos professores, tendo em mente um perfil desejado, ciente *que* "[...] a tarefa de formar profissionais deve aliar competência profissional a uma consciência crítica e ética", partindo também de uma reflexão sobre a própria prática pedagógica. (QUEIROZ, 1997, p. 152)

Ao traçar o perfil do profissional e do cidadão que se pretende formar, é importante à equipe de professores e coordenadores dos cursos ter em mente o ritmo das mudanças sociais que atuam sobre a área estudada, "há necessidade de considerar a natureza da profissão e a velocidade do progresso da ciência, do conhecimento e da tecnologia". (QUEIROZ, 1997, p. 152)

Um outro fator considerável em relação ao perfil do egresso é a sintonia deste com as necessidades do mercado de trabalho no qual, futuramente, irá ingressar. Mas não para por aí. É preciso que se faça uma avaliação do processo ensino-aprendizagem e seus componentes: a didática, metodologia e os conteúdos distribuídos nas diversas disciplinas. As diretrizes educacionais informam o que

pode e deve ser feito, mas na prática ela se dará através das ações conjuntas do corpo docente do curso e alunos.

No planejamento deverá estar presente a articulação continua das disciplinas alcançando a interdisciplinaridade, um dos pontos de estrangulamento nos cursos de Comunicação. Isso porque, habituados às normas curriculares passadas professores não conseguem dar encadeamento interativo com as demais disciplinas, repassando conteúdos fragmentados e estanques com ausência de caráter funcional, o que dificulta o desenrolar do Projeto Pedagógico, pois sem ações pautadas no real torna-se difícil o desenvolvimento das competências e habilidades presentes nos 6 eixos das Diretrizes Curriculares.

Assim também se encontram as avaliações, que abertas às contestações e debates sobre co-relação com as experiências comunicacionais passadas ou na simples explanação de fatos atuais irá solicitar dos docentes uma qualificação constante e um meio de facilitar a compreensão do real aprendizado dos discentes sabendo como ele se dá, mas para isso os professores terão que ir além do conhecimento técnico, implicando no estudo de postura pedagógica.

Os recursos humanos, a infra-estrutura e a geração acadêmica também compõem o ambiente educacional estando, portanto inseridos na avaliação e planejamento.

As informações anteriores iluminam os acontecimentos recentes do curso de Comunicação Social da UFRR, que se encontra com o Projeto Pedagógico em vias de implementação, resultado do trabalho conjunto da equipe formada ainda durante os debates no período da greve de 2000. A demora é vista como amadurecimento de idéias, na procura por uma identidade própria do curso e não uma transposição de modelos, sendo importante refletir, afirma a professora Vângela Morais.

Mas algumas modificações já podem ser comentadas. Com base nos aspectos ético-políticos, científicos-educacionais e técnicos o curso já traçou novas ações para os próximos anos. A vitrine do projeto é a matriz curricular que no

entendimento de Vângela Morais causa mais interesse tanto a professores quanto aos alunos.

A principal diferença se encontra nas disciplinas e sua disposição no cronograma. Do início ao final do curso o acadêmico perceberá o intercâmbio de conhecimentos das disciplinas teóricas e profissionalizantes, possibilitando maior motivação pelo contato com os requisitos presentes na profissão. Algumas foram retiradas por encontrarem-se ultrapassadas, como Preparação e Revisão de originais, e outras incluídas como jornalismo Empresarial e Digital. As metodologias científicas também seguiram novo ritmo, sendo ministradas desde o primeiro semestre elas permitirão que o aluno ao final do curso possua um maior cabedal de informações para produzir um bom trabalho de conclusão de curso, e ajudará também a fazer com que mais estudantes enveredem para área da pesquisa científica.

Confirmando os avanços e os novos parâmetros que qualificam o jornalista como bom profissional Vângela Morais ressalta que o projeto é bem maior, pois há uma redefinição do perfil do egresso que se pretende formar, mediante a dinâmica social em que vivemos. Fator importante, pois lidamos diretamente com as novas tecnologias, e há também uma necessidade saber qual a demanda do mercado sobre o aluno de Comunicação Social. Porém esclarece que o mercado deve ser olhado tendo em mente o seu caráter dinâmico e mutável. Não podendo haver modificações nos planos a revelia do mesmo, sendo necessário consolidar ações previstas e ir incrementando aos poucos, afirma.

Apesar de mais qualificados o número de professores continua pequeno sendo ainda um dos gargalos enfrentados pelo curso, impedindo a sua divisão por períodos. A infra-estrutura também vem acompanhando as inovações. No próximo ano, 2004, o curso irá para o bloco I do Campus do Paricarana com laboratórios, ficando o de Rádio e TV no Núcleo.

Com todos os ganhos, difíceis nas universidades públicas, as previsões são boas para o curso. O Projeto Pedagógico[32] foi aprovado em duas das quatros instâncias, no colegiado do curso e no Conselho Departamental, este composto pelos departamentos do CENCEL, do qual o curso de Comunicação Social faz parte. Mas ainda falta a aprovação da Comissão de Graduação e do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), para ser posto em prática. Com isso, como afirma Goretti: "... no próximo ano [2004] nas novas instalações, [...] teremos os laboratórios, salas para professor, para entendimento ao aluno, vamos saber onde os professores se encontram. [...] Nos treze anos do curso, podemos dizer que pronto, já estamos fortalecidos".

2.2.2 Laboratórios: os passos estão mais rápidos

A obrigatoriedade dos laboratórios nos cursos de Jornalismo surgiu com a Resolução de 02/84, no Currículo Mínimo. A exigência viria a reforçar as Diretrizes do Exame Nacional de Cursos, que indicava para as IES as linhas pedagógicas a serem seguidas afirmando o dever das mesmas em garantir uma formação multi[33] e interdisciplinar[34]. Os laboratórios que compõem o curso são: Redação, Fotojornalismo,Telejornalismo e Radiojornalismo.

2.2.2.1 Laboratório de Redação: passamos da diagramação

De início, 1990, as dificuldades não ficaram apenas com o manejo das Máquinas de escrever, mas na diagramação que assustava os estudantes nos primeiros anos do curso como comenta o professor Noujain Pereira[35]: "As pessoas tinham um pouco de medo, pois envolvia cálculo". Revela que tamanho das páginas, títulos e matérias eram calculados com a paica e através de umas contas conseguiram achar o tamanho da matéria. O laboratório utilizado era o de Engenharia no qual existiam as pranchetas e as réguas "T", facilitando o trabalho, pois o papel usado era o 40 ou cartolina para diagramação.

---

[32] Informações obtidas no dia 19 de dezembro de 2003 com a profesora Vângela Morais.
[33] Multidisciplinar significa o envolvimento de muitas disciplinas. p.519. Multidicionário Ediouro, 2000.
[34] Interdisicplinas indica comum a, ou realizado por duas ou mais disciplinas ou ciências. P.432
[35] Entrevista realizada no dia 04 de dezembro de 2003 com o professor Noujain Pereira.

Doze anos depois, apesar da Grade curricular do curso seguir ainda o modelo gutemberguiano, o laboratório de Redação foi o que menos teve novidades tecnológicas em relação aos demais, mas garantiu a produção da primeira edição do Jornal Laboratório, em outubro 2003,e está em fase de fechamento da segunda.

Diferente dos anos anteriores nos quais para impressão do Jornal Raspada de 92, o primeiro do curso, e o Trilha Verde em 2000, os alunos recorriam a patrocínios de gráficas e empresas jornalísticas ou buscavam, ter experiência com a produção do jornal mural, as duas edições do Jornal Criativo foram impressas através de serviço terceirizado.

Os dois números estão dentro do prazo previsto no planejamento do Departamento de Comunicação Social, porém a orientação do MEC é que o curso produza, no mínimo, 8 edições ao ano. Por isso, sem paradas longas, a chefia do departamento pretende nos primeiros meses de 2004 redefinir o contrato com a empresa pois a impressão é terceirizada, aumentando para 8 o número de edições, sendo 4 por semestre.

Assim o Curso de Comunicação Social da UFRR irá conseguir cumprir a Resolução 02/84 do MEC, que determina além das oito edições, que sejam no formato tablóide de circulação mensal e com 8 páginas.

2.2.2.2 Laboratório de Radiojornalismo: ainda na Rádio Roraima

Apesar de possuir todos os equipamentos para o funcionamento de uma rádio, as aulas práticas de Radiojornalismo continuam sendo realizadas na Rádio Difusora Roraima (AM-590), no espaço cedido desde 1994, os alunos levam aos ouvintes no Programa Comunicação no AR informações da comunidade e da universidade aos sábados das 9h às 10h30.

A FM-Universitária chegou a funcionar por um mês, mas o transmissor foi apreendido pela Polícia Federal. Atualmente o mesmo se encontra de posse do departamento.

2.2.2.3 Laboratório de Telejornalismo

Cedida à UFRR em 1995 através de convênio com a Prefeitura Municipal de Boa Vista na primeira gestão da prefeita Teresa Jucá, a repetidora da TV Educativa ajudou no processo de reconhecimento do curso e nas aulas práticas das disciplinas de Telejornalismo.

Em 96 e 97 chegou a ir ao ar apresentando um telejornal diário com flashes e programas semanais e entrevistas, debates e documentários mensais a respeito de Roraima e assuntos sobre a universidade.

Mas somente em 27 de dezembro de 2000 com decreto n.º 249/E, no final do mandato do então prefeito Ottomar Pinto que o processo de transferência da TV de fato à UFRR foi iniciado. No ano de 2002 surge o Núcleo de Rádio e TV Universitária/UFRR. Hoje o NRTU detém a guarda dos equipamentos do Curso de Comunicação Social; são eles: novas ilhas de edição digitais importadas do Japão, DVC equipamento de produção em vídeo, tripé para câmera de vídeo, refletor, câmera de vídeo para estúdio, câmeras de vídeo digitais, gerador de efeitos digitais em vídeo em três dimensões, microfones, monitores e outros. Com pessoal terceirizado o NRTU vai aos poucos criando uma rotina jornalística, mas necessita de pessoal contratado.

A FECEC, juntamente com a UFRR, enviou a documentação necessária solicitando a outorga ao Ministro das Comunicações, a aprovação está sendo aguardada há um ano e meio.

A demora se deve ao grande número de pedidos. Em um encontro de Rádios e TV das IFES, em Ouro Preto, o diretor do Núcleo Maurício Zouein conversou com o Secretário de Rádio Difusão e soube que mais de 5 mil pedidos desde o início do ano esperam despacho.

Todavia, a veiculação local está acontecendo desde o primeiro semestre de 2003. A dificuldade na permanência do programa tem origem na Rede Brasil, que possui uma programação flutuante, não permitindo um cronograma continuo de na programação. Outro empecilho é a ausência de profissionais para produção dos mesmos. Por isso foi enviado um projeto elaborado por Maurício Zoeuin à Rede Brasil recebendo o aval para utilização de um horário.

Para o próximo ano está previsto ir ao ar o Programa Raízes, que já tem 20 insertes prontos. No mesmo a história do Estado será resgatada através de informações dos moradores antigos.

2.2.2.4 Laboratório de Fotojornalismo

Um dos primeiros laboratórios do curso, o de Fotojornalismo fica no bloco IV no Campus do Paricarana. De início as fotografias, com as poucas e antigas máquinas que o curso possuía, eram realizadas pelos alunos e reveladas pelos próprios, como confirma o professor Noujain Pereira.

Atualmente as aulas estão mais intensas acompanhando o desenvolvimento do jornal do curso. Os alunos de Foto vão em busca da matéria juntamente com os de Redação Jornalística III e IV.

Algo, hoje, mais fácil com os novos equipamentos. O laboratório conta com fotômetros, instrumento responsável para mediar a luminosidade no ambiente; tripés para câmera, tanques de aço inoxidável, objetivas, ampliadores de negativos, máquinas fotográficas analógicas, máquinas fotográficas com cartão de memória e outros. Indicando um grande progresso às disciplinas dele dependentes.

CAPÍTULO III

3. O Mercado de trabalho para os Jornalistas em Boa Vista

As alterações globais retratadas até o momento, no contexto mais amplo envolvendo as universidades como no afunilamento alcançando os cursos, em especial o de Comunicação Social, nos remete a realidades diferentes daquelas de criação dos cursos. O surgimento da Internet como o quinto veículo de comunicação foi um dos fatores, os novos mercados que se criaram cada vez mais atrelados ao significado empresarial, de ganhos sem perdas inferindo valores às informações e à atividade profissional "especializada". O que atingiu também o senso de comprometimento e ética, intrínsecos ao exercício do bom jornalismo. Todos os fatos chamam a atenção de discentes e docentes da área para as inovações, conduzindo na reflexão sobre os componentes pedagógicos.

Não sendo uma exceção, o estado de Roraima também sente o efeito do desenvolvimento tecnológico. De 90, época do surgimento da UFRR, a 2003, houve uma queda no número de jornais impressos de 6 para 2. Um exemplo oposto é o aumento das emissoras de televisão que dobraram em quantidade com a criação de mais 3 emissoras. O mesmo ocorreu com o rádio, e já observamos um despontar dos ainda incipientes jornais on-line.

Com tantas alterações, conhecer o mercado atual em Boa Vista é de grande importância ao curso de Comunicação Social da UFRR para constituição de realizações pedagógicas, auxiliando na configuração do perfil do egresso que pretende formar. Como também, obter uma avaliação dos graduados por ser este o mediador entre os dois, é garantir uma análise do curso por quem tem expectativas diretas em relação a ele. É na perspectiva de descrever o mercado local e as avaliações de egressos que surgiu este capítulo.

A pesquisa apresentada foi realizada por meio da aplicação de dois questionários. Um direcionado aos empregadores de jornalistas e outro aos egressos, cada um respectivamente com 18 e 28 perguntas, objetivas e subjetivas proporcionando uma melhor análise quantitativa e qualitativa dos dados por permitir a explanação de idéias dos pesquisados. As respostas na análise qualitativa dos dados foram realizadas mediante o cruzamento das informações obtidas nos questionários.

Dos 137 graduados do curso, 40 compuseram a amostra atingindo um percentual de 29,2%, superior ao recomendável em pesquisas científicas que é de 10 a 13%, demonstrando segurança quanto ao resultado pelo valor de representatividade quantitativa da amostra.

Quanto ao mercado de trabalho foram pesquisados 13 veículos de comunicação e 2 assessorias de impressa do setor público, totalizando 15 empregadores analisados, considerando apenas os que estão atuando no município de Boa Vista. O Núcleo de Rádio e TV Universitária não compôs a amostra.

Para uma melhor visualização do mercado houve uma divisão em setor público e privado, e uma subdivisão pelas possíveis áreas de atuação dos jornalistas.

3.1. Dimensão quantitativa dos dados

O levantamento quantitativo empírico na pesquisa, como foi mencionado anteriormente, foi buscou obter informações seguras que demonstrassem a realidade aproximada.

Gráfico n.º 1

EMBED Unknown

Gráfico n.º 2

EMBED Unknown

Gráfico n.º 3

EMBED Unknown

Tabela n.º 1 Número de vagas ofertadas no mercado por atividade

Empregadores	Atividades	Número de vagas	Vagas ocupadas	Vagas ociosas

	Televisão	49	42	07
Veículos (13)	Rádio	25	18	07
	Impresso	29	25	04
Assessorias (2)	Governo	44	44	00
	Prefeitura	12	12	00

Tabela n.º 2 Ocupação por formação de profissionais

Empregadores	Atividades	Vagas ocupadas	Não formados	Formados	Formados na UFRR
	Televisão	42	30	12	04
Veículos (13)	Rádio	18	07	11	10
	Impresso	25	12	13	07
Assessorias (2)	Governo	44	19	25	17
	Prefeitura	12	04	08	03

Gráfico demonstrativo da tabela acima

EMBED Unknown

Gráfico n.º 4

EMBED Unknown

Gráfico n.º 5

EMBED Excel.Chart.8 \s

Gráfico n.º 6

EMBED Excel.Chart.8 \s

Gráfico n.º 7

EMBED Unknown

Gráfico n.º 8

EMBED Unknown

Gráfico n.º 9

EMBED Excel.Chart.8 \s

Gráfico n.º 10

EMBED Excel.Chart.8 \s

Gráfico n.º 11

EMBED Excel.Chart.8 \s

Gráfico n.º 12

EMBED Unknown

Gráfico n.º 13

EMBED Unknown

Gráfico n.º 14

EMBED Unknown

Gráfico n.º 15

EMBED Unknown

Gráfico n.º 16

EMBED Unknown

Gráfico n.º 17

EMBED Excel.Chart.8 \s

3.2 Análise qualitativa dos dados

A pesquisa se desenvolveu num entrelaço de respostas de egressos e empregadores de jornalistas.

No gráfico de n.º 1, podemos observar que a grande maioria, 65% dos egressos que responderam ao questionário estão atuando no setor público e destes, 53% do total, exercem a função de assessor de imprensa. Somente 23% estão nos veículos de comunicação, correspondendo a 9 do total. Os demais estão exercendo outra função, tanto no setor público quanto no privado.

Os dados confirmam como grande empregador o setor público, como também indicam que em Boa Vista como no restante do país cresce o número de

assessorias de imprensa, e que são atualmente o "... segundo grande bloco de absorção de profissionais de comunicação [na] área de Comunicação Empresarial e Institucional com 40%, superando o rádio e a tevê, hoje com 20%" (BOANERGES, 2002, p. 20).

Relembrando a compilação dos dados foi interessante observar que apesar de alguns jornalistas exercerem o papel de assessores, muitos não assumem essa como sendo sua função. Para eles o que fazem é jornalismo. Outros, quando questionados se já haviam exercido a profissão, diziam que não, mesmo atuando há muito em assessoria de imprensa. Parte desse problema de "identidade profissional" tem origem na década de 60 com a ditadura e a proliferação das assessorias. Essas, utilizadas para filtrar as informações do governo aos veículos de comunicação, passaram a ter a imagem de protetoras do poder e de ser um meio de repressão da cidadania, por impedir que o público soubesse das "verdades" políticas.

Outro dado encontrado, é que dos egressos participantes da pesquisa 76% deles estão atuando na área de comunicação, 30 do total, e apenas 24% estão desempenhando outras funções. O principal motivo de 80% (8) dos que se mantém fora da área é a remuneração insatisfatória ao jornalista. (gráfico n.º 2)

Cruzando os dados do gráfico com as tabelas (1 e 2) podemos verificar que as assessorias estão absorvendo a maior quantidade de profissionais com nível superior em relação aos veículos.

Houve tentativas de saber qual a remuneração dos profissionais, mas o equilíbrio entre os dados não possibilitou a conclusão. O único dado possível foi o das assessorias e emissoras de tevê, nas quais os jornalistas recebem entre 4 a 6 salários mínimos.

Como se pode avaliar o fator remuneração é importante ao profissional, podendo ocasionar em desistência à prática, enquanto acadêmico ou formado. Um bom exemplo é Thiago Benichio, estudante do terceiro ano da PUC-SP, que se

arrependeu pela escolha do curso. Durante o estágio, o estudante percebeu o quanto é baixa a remuneração do jornalista em relação a quantidade de trabalho e responsabilidade exigidos[36]. O piso salarial do jornalista em Roraima é de R$ 700, informou Humberto Silva, presidente do Sindicato dos jornalistas de Roraima.

Muitos egressos adentram no mercado sem conhecimento da realidade profissional. Esse também é um dos problemas enfrentados. No gráfico n.º 3 os egressos responderam o que os motiva a ficar no emprego atual. Dos 30 em exercício, 70%, afirma ser a identificação com a atividade o principal fator de permanência no emprego, e apenas 30%, 9, estão no emprego pela remuneração.

O número de vagas ofertadas no mercado também foi computado, como demonstra a tabela 1. Contrariando as notícias de crise divulgadas em revistas e jornais de circulação nacional, a oferta no mercado local é considerável tanto nos veículos quanto nas assessorias, totalizando 159. A maioria encontra-se nas assessorias e canais de tevê, respectivamente com 39% e 31%. Do total, há 18 vagas sem preenchimento no momento, isso em veículos de comunicação.

Porém, pela quantidade de veículos de comunicação analisados e o número de assessorias, se pode levantar a hipótese de existir um número maior de jornalistas contratados em Assessorias de Imprensa, considerando que em Boa Vista apenas a TV Educativa ficou ausente da amostra em relação aos veículos, diferente das assessorias.

A par da informação do preenchimento de 141 vagas, o grau de formação dos profissionais foi observado. Notou-se que 72 vagas, o correspondente a 51,6%, são ocupadas por pessoas sem formação acadêmica em jornalismo, um número compreensível se observarmos a pouca idade do curso de Comunicação Social da UFRR o único a qualificar para área, e a existência enquanto ainda era Território de pessoas que trabalhassem, permanecendo até hoje. As 69 restantes são

[36] VENCESLAU, Paulo Pedro. Quanto ganha um foca?. Matéria publicada na Revista Imprensa (Foca em Foco) Abril, 2002. Ano 15. n.º 170, p.84-85.

preenchidas por jornalistas graduados, um total de 48,4%, havendo um equilíbrio próximo.

Verificamos também que os egressos do curso de Comunicação Social da UFRR ocupam 59,42% das vagas, seguidos por jornalistas graduados em outras universidades. Estes com 40,58%, 28.

Notamos que as emissoras de televisão apesar de serem um dos maiores empregadores possuem apenas 28,57% dos jornalistas formados, diferente dos demais empregadores que conseguem atingir e ultrapassar os 50%. Um dos motivos apresentados por Vanderléia Ferreira[37], responsável pela área jornalística da TV Caburaí, é o reduzido número de profissionais no mercado e a inexperiência dos novatos para trabalhar com esse tipo de mídia.

Getúlio Cruz do grupo Folha afirmou em seu questionário que as áreas de jornalismo ocupadas por pessoas sem habilitação ou qualificação em sua empresa, se deve à existência, no "mercado brasileiro, [de] bons profissionais". Havendo também "[...] excelentes profissionais formados na redação"[38].

A inexperiência acaba por ser a vilã da não exigência do diploma. "Os acadêmicos chegam à redação sem noção de técnica de reportagem", responde Jessé Souza, editor do jornal Folha de Boa Vista.

Porém, a grande maioria dos editores de redação garante ser importante a passagem pela universidade. No gráfico n. º 4 podemos constatar que 13 dos empregadores, 86%, afirmaram que a passagem pela universidade é importante, e apenas 7%, 1, acredita no contrário e uma pessoa não quis opinar. Os dados têm um caráter positivo tendo em vista que apenas 46% dos chefes de jornalismo possuem formação superior na área.

O conflito converge na validade do diploma em jornalismo, um ponto polêmico que muitas vezes ganha proporções nacionais como no final deste ano. Mediante a cassação da liminar que suspendia os efeitos da sentença da juíza Carla

[37] Respostas descritas no questionário aplicado.
[38] Respostas do questionário aplicado.

Abrantkoski Rister de outubro de 2001, o juiz convocado Manoel Álvares do TRF de São Paulo, a qual cancelava qualquer pré-requisito para a concessão do registro profissional de jornalistas novamente o diploma em Jornalismo se torna secundário nas contratações. Com isso, ao término deste trabalho a não obrigatoriedade do diploma ainda estará em vigor[39].

No gráfico n. º 5 podemos visualizar a avaliação dos empregadores a respeito dos jornalistas formados na UFRR. Na opinião de 82%, 12 do total, os jornalistas preenchem os pré-requisitos necessários à prática da função, e somente 18%, 3, dizem o contrário.

Além do fator ensino há a experiência de formados que ingressaram no mercado antes de terminar a faculdade e também os que ingressaram no curso já exercendo a profissão.

Uma novidade é a inserção dos estudantes no mercado de trabalho por meio do estágio. Na opinião de Airlene Carvalho, responsável pela área jornalística da TV Roraima, os estudantes conseguem realizar os trabalho apesar de iniciantes, e muitos são contratados pela emissora após o período de estágio.

Mas alguns discordam. Para Getúlio Cruz os egressos não conseguem preencher os requisitos básicos, como redigir textos jornalísticos ou estar bem informado. E configura bem a responsabilidade da universidade na formação do profissional respondendo que a idade do curso de Comunicação o faz ter muitas deficiências que refletem no profissional.

Vângela Morais confirma que há deficiências, grande parte pela própria idade do curso e da universidade, e exemplifica falando a respeito da demora na chegada dos equipamentos, os quais foram solicitados em 96 e só chegaram em 2003.

É por ser reflexo do curso que se faz necessário conduzir o olhar ao egresso e a partir de suas revelações, sobre a formação que receberam e de que forma ela vem influenciando na vida profissional, confirmando ou contradizendo os

[39] Nota de esclarecimento publicada no site da Fenaj. Endereço eletrônico: www. fenaj.com .br

empregadores, permitir ao curso de Comunicação Social compreender como está auxiliando a sociedade e educandos, bem como saber dos anseios dos mesmos permitindo nortear ações futuras.

3.2.1 Opinião de quem é reflexo

Como reflexo da formação que tiveram os egressos responderam a diversas questões voltadas para os fatores que envolvem a pedagogia do curso, seus benefícios e respostas às expectativas primeiras.

A motivação para ingressar no curso (gráfico n. º 6) estava em alta. Uma das razões era a afinidade com as habilidades inerentes à profissão, como gostar de ler e escrever. Consideramos juntos a esses os que já trabalhavam na área, pois se buscavam uma melhor qualificação é porque também se identificavam com a atividade, o equivalente a 76% dos egressos, 30 deles. Os demais, 18%, escolherem o curso por não haver o que desejavam, na UFRR, ou o mesmo não estava sendo ofertado quando prestaram vestibular.

A motivação anterior ao ingresso criou expectativas futuras em relação ao curso em diversas direções como comprova o gráfico n.º 7. Aproximadamente ao percentual por afinidade, 79%, 32 do total, de estudantes desejavam obter conhecimentos para o ingresso no mercado de trabalho, ou melhor qualificação. Neste percentual estão inclusos os 17% que já atuavam na área, por implicar que também buscavam conhecimentos para permanecer no mercado. Apenas 15%, 6 deles buscaram o curso com intuito de obter uma cultura ampla e geral e 6%, 2, ingressaram com objetivo de obter apenas o diploma.

O interesse no curso também é demonstrado na procura por informações como mostra o gráfico n.º 8. Ao ingressarem a grande maior, 72% dos estudantes tiveram informações sobre a grade curricular, 29 deles. O que nos leva a perceber uma variação de 72 a 79% de egressos que ao ingressarem no curso estavam interessados, com altas expectativas profissionais e em busca de informações sobre o mesmo.

No gráfico seguinte, n.9, é possível observar que 53% tiveram contato com disciplinas da área de comunicação logo no primeiro semestre. Mas apesar do contato com a grade curricular e com disciplinas do curso, os então calouros, não conseguiram visualizar o curso. Como mostra o gráfico n.º 10, 75% deles afirmaram não ter conseguido, na época dizer quais as finalidades ou características específicas do curso de Jornalismo.

Esses dados dizem respeito à formatação da grade curricular, que vem passando por alterações este ano. A LDB 9.394/96 trouxe maior autonomia aos cursos na modificação dos currículos, mas há de se entender que o processo real de mudança ocorre num prazo maior, fazendo permanecer após sua criação, os núcleos teóricos e práticos desvinculados o que acarretou e pode estar acarretando em desestimulo ao aprendizado. Isso porque o aluno ao ultrapassar os dois anos básicos pode chegar à etapa profissional psicologicamente desmotivado. (MARQUES, 1991 p.19)

Por isso, as habilidades práticas tão necessárias na correria das redações, também foram citadas no questionário buscando obter o resultado real do processo ensino-aprendizagem, se houve ou não aquisição de habilidade para ação profissional.

As aulas, na opinião dos ex-alunos, não lhes ajudaram a adquirir as habilidades hoje solicitadas na atividade que estão atuando, lembrando que a maioria deles está em assessorias. Dos 30 em exercício, 62%, o correspondente a 19 egressos, afirmam que as aulas não foram suficientes a ponto de conferir aprendizado. O restante, 48%, dizem que as aulas auxiliaram na aquisição de habilidades. Recordando que após as assessorias o segundo empregador no qual estão os egressos é o rádio, no qual sempre houve maior facilidade para as aulas práticas.

O quadro demonstra que a falta de equipamentos para as aulas práticas interfere nas habilidades, assim como o não acompanhamento dos conteúdos das

novidades do mercado. Reforça ainda a explicação da professora Vângela Morais sobre a pouca idade do curso, e das críticas de alguns empregadores que dizem não possuírem os recém-formados habilidades iniciais da prática.

As dificuldades ganham relevo por não haver tempo nas redações para o ensinar de atividades. Gonzaga de Andrade, chefe da assessoria do Governo de Roraima, responde que somente 20% dos jornalistas preenchem as exigências, e que as empresas não querem um profissional por acabar, mais acabado. Porém, há outros que são de opinião contrária. Humberto Silva, chefe da assessoria da Prefeitura Municipal e Boa Vista responde positivamente sobre os graduados afirmando corresponderem à prática e responsabilidade da profissão.

Saindo um pouco do envolvimento com o mercado, acreditamos ser importante também ressaltar a importância em se compreender o ambiente cognoscitivo[40] no qual se dá a apreensão de conhecimentos pelo aprendente, buscando a relação entre método e didática aplicada nas aulas, pois que a motivação do ingresso pode ser arrefecida pelas deficiências da trilogia (professor-aluno-meio ambiente). Com base nas informações anteriores podemos verificar que o atraso tecnológico e a falta de equipamentos prejudicaram os estudantes. Mas ainda há os fatores humanos a serem considerados, sendo assim, os gráficos 13 e 14 revelam opiniões sobre a imagem deixada pelos professores ao lecionarem durante os anos em que foram alunos da UFRR.

Para esclarecer consideramos metodologia, no questionário, como os instrumentos para desenvolver as aulas e formas de avaliação dos discentes, o conjunto de procedimentos e técnicas de base das disciplinas. E didática, a forma como os professores desenvolviam as aulas, a ordenação de idéias dos conteúdos e informações sobre o tema exposto, a maneira de tornar eficiente o ensino.

O que se observa é um maior equilíbrio na área didática, nos fazendo acreditar que há uma equiparação entre professores com boa e má didática, na opinião dos egressos. O mesmo não ocorre no processo metodológico, no qual 70%

[40] Cognoscivo: O que é possível de ser aprendido, conhecido.

dos 40 egressos afirmam que a grande maioria possui um a metodologia regular, lhes conferindo a nota de 0 a 5.

Novamente os dados vêm a confirmar a escassez de instrumentos para o desenvolvimento das aulas o que pode estar também dificultando a avaliação dos alunos por parte dos professores, pois a mesma permanece arcaica, presa ao decorar de respostas para as provas escritas. O procedimento no desenvolvimento das disciplinas profissionalizantes é diferente das demais. Há também a confirmação da necessidade em se qualificar e aumentar o número de professores no curso.

O valor da experiência na área jornalística na transmissão de conhecimentos tem valor. Para os ex-alunos não basta apenas fazer especializações, por mais que o jornalismo seja uma profissão de caráter interdisciplinar, pois entrelaça várias áreas do saber, a prática é imprescindível ao professor. Somente com a experiência pode haver veracidade durante a transmissão dos conhecimentos, especialmente nas áreas técnicas, comenta Nádia Janaina de Souza, uma egressa. Isso pode ser observado no gráfico N.º 15.

Na pesquisa o grau de satisfação ao término do curso também foi questionado. Para 52% deles, 21 dos 40, se consideraram satisfeitos com o curso apesar das dificuldades e greves que atrapalharam. Mas 48% saíram insatisfeitos com o curso, 19 do total como pode ser observado no gráfico de n. º 17. Valores bem próximos demonstram que somente as expectativas de 50% dos estudantes tiveram correspondência durante o curso. É valioso relembrar que no início do curso 79% deles ingressaram com o intuito de obterem conhecimentos à formação profissional.

O grau de insatisfação é alto se recordarmos que 79% dos egressos possuíam muitas expectativas em relação ao curso. A satisfação, segundo Hersey e Blanchar (1986, p.18), se dá mediante o alcance de objetivos, nos fazendo considerar que a qualificação profissional, objetivo da grande maioria, não foi

alcançado. Complementando, os autores revelam que essa situação pode gerar frustração ou uma dissonância cognitiva[41].

Talvez, a valorização social em se possuir um diploma em curso superior, tenha ajudado a segurar os antigos acadêmicos na universidade. A quebra de imagem inicial sobre a universidade também pode gerar um posicionamento de desinteresse por parte dos profissionais sobre a mesma.

Com experiências adquiridas na passagem por todas as etapas da graduação e em inseridos no mercado de trabalho, os jornalistas indicam no gráfico n.º 18 sugestões para possíveis modificações, por ordem de prioridade, na área pedagógica do curso.

É notória a solicitação de alteração na grade curricular por parte de 60% dos egressos, com a inclusão de disciplinas como Assessoria de Imprensa, e a exclusão de outras disciplinas que se encontram, na opinião de muitos, ultrapassadas.

Em segundo com 24% está a necessidade em se melhorar a estrutura física do curso e introduzir novas tecnologias. Os demais, 16% consideraram como prioritário ter aulas mais práticas.

As informações só vêm a afirmar a precisão em permitir uma maior relação entre as disciplinas de caráter humanístico e profissionalizante na grade curricular, vindo ao ensejo de ter como resultado aulas mais práticas, e ir aos poucos facilitando o contato com as novas tecnologias pelo cabedal de conhecimentos anteriormente assimilados.

3.3. As significações e mediações

O que vemos é um mercado de trabalho crescente, com intenso direcionamento às Assessorias de Imprensa, mas também com alta demanda nos veículos de comunicação, tanto no município de Boa Vista como em todo o estado

[41] Dissonância Cognitiva ocorre quando a pessoa tenta resgatar o equilíbrio psíquico através de uma alteração na compreensão da situação que lhe causou frustração.

de Roraima prevendo, positivamente, a absorção dos futuros jornalista. Isso torna o curso de Comunicação Social da UFRR, único que habilita à prática jornalística no estado, essencial à sociedade roraimense por garantir profissionais hábeis na transmissão de informações necessárias à cidadania.

A importância também se encontra, apesar das discussões em torno do tema, na valorização por parte dos empresários locais no diploma universitário. Outro aspecto observado no mercado é a demanda do setor público, algo previsível se analisarmos que o grande provedor de empregos em Roraima é o Estado. Porém, observamos que o segundo e o terceiro setor começam a deslanchar e a se preocupar com aspectos de imagem, inferindo na contratação de profissionais para tal função, como o jornalista assessor e a importância do mídia.

Habilidades à prática, como redigir textos e entender o contexto político e social são aspectos levados em conta no momento de contratação dos profissionais. Estes, nem sempre prontos às exigências do empregador devido o baixo rendimento nas aulas acadêmicas, desenvolvidas com recursos tecnológicos reduzidos, ou mesmo pela inexperiência com o ritmo das redações. Todavia, apesar dos percalços os estudantes-profissionais são reconhecidos por grande parcela dos empresários como capazes ao exercício do ofício.

Como reflexo do curso de Comunicação Social e também como representantes do mercado, os egressos sentem a ausência do vínculo entre um e outro. No mercado há a remuneração, considerada por eles como insuficiente, e a disputa com profissionais experientes, apesar de não graduados. A falta de tempo na redação para ter um acompanhamento que lhes permita saber *pra que fazer*, induz a considerar falha e até mesmo desnecessária a passagem pela universidade.

Entretanto, os egressos compreendem as limitações estruturais do curso e confirmam ser uma das saídas na transposição das mesmas, a boa didática da maioria dos professores. E solicitam, como também indica o mercado, uma reestruturação curricular, melhor infra-estrutura e mais aulas práticas, requerendo a interdisciplinaridade, ingrediente inerente à atividade comunicacional por promover

no indivíduo maior flexibilidade, importante na atuação profissional e na resolução de problemas cotidianos.

Outra indicação importante, é a de se criar um curso de Pós-graduação na área de Comunicação reduzindo as lacunas deixadas na graduação. Assim, o curso supre a necessidade dos egressos e mercado e aos poucos se organiza para cursos de mestrado, conseguindo preparar para o futuro pessoas para compor o corpo docente do próprio Departamento de Comunicação Social, com profissionais que conhecem o curso e tem ligação com ele.

CONCLUSÃO

A globalização e o desenvolvimento de novas tecnologias em ritmo frenético caracterizam o século XXI como o período das criações e da redução de distancias. Do simples ato de acessar à internet e do intercâmbio de informações via satélite, as modificações alcançaram os diversos setores da sociedade, que se vêem cada vez

mais atrelados à economia mundial, vivenciada de perto e compreendida por poucos.

A velocidade ocasionou a reestruturação política, social e cultural dos povos, alterando e destruindo paradigmas. Mas apesar da desestruturação presente há o exortar de questionamentos dos valores e atitudes, em especial a do educador e da educação, pois exige indivíduos aptos na compreensão da totalidade em que se apresentam os problemas, assim como as oportunidades. A nova era requerer a vontade continua ao estudo e deseja pessoas que recriem e inovem, algo possível somente com métodos opostos ao decorar de fórmulas e à estagnação do conhecimento.

É nesse contexto que as universidades brasileiras tentam se libertar das metodologias impostas por ordens religiosas e manuseios políticos, assim como dos modelos importados, de ensino compartimentalizado e de créditos, sem a feição da brasilidade. Estes últimos tão importantes para a democracia, pois que pela expansão territorial de nosso país necessitávamos de um local, de um modelo, que proporcionasse a organização e aglutinação dos estudantes no debate de questões pertinentes ao desenvolvimento nacional. Não apenas por meio de congressos entre docentes, mas que retornassem, pelo menos nesse ponto, à Idade Média permitindo a conversação entre a juventude que se forma no interior dos cursos, gerando o saber reflexivo.

Nesse caldeirão de inovações, em especial nas comunicações, os cursos de jornalismo procuram acelerar o passo para acompanhar o mercado de trabalho, que vem abrindo novas áreas de atuação como as Assessorias de Imprensa, e oferecer à sociedade qualidade profissional com a formação de cidadãos comprometidos e éticos. Ponto importante se considerarmos o crescimento do valor monetário conferido às informações.

Mediante os acontecimentos citados, o presente trabalho ressaltou a importância em se estabelecer o contato entre a universidade, especificamente do curso de Comunicação Social da UFRR, e o mercado de trabalho local, pela simples

e clara relação de interdependência existente entre os dois. O primeiro, pela produção científica e profissional que lhe compete, e o segundo pela demanda necessária do desenvolvimento social. Isso faz com que haja a influência de um sobre o outro, e vice-versa, determinando a marcha da caminhada de ambos. Todavia, com o advento tecnológico os dois não conseguem seguir numa mesma cadência ocasionando turbulência nas relações.

A ausência de um elo entre mercado de trabalho e o curso ficou evidente, mas as ações para amenizar o quadro estão sendo analisadas. Vários debates foram realizados como o do ano de 2000 durante o período de greve, quando alunos e professores discutiram a elaboração do Projeto Pedagógico, o qual foi concluído. Como resultado do esforço conjunto, as primeiras ações são previstas para sair do papel no início de 2004, acenando para um novo tempo.

Porém, na introdução de disciplinas e com equipamentos atuais ainda merece atenção a docencência na qualificação da metodologia e didática no curso, as quais implicam numa atitude interdisciplinar de maior envolvimento com o curso e atualização constante. Este talvez seja o maior desafio superando mesmo a demora na aquisição de equipamentos. Para que o processo tenha êxito é imprescindível que, como mercado de trabalho e estudantes, saber quais são as expectativas em relação à profissão que abraçaram, quais os objetivos motivacionais na prática educativa.

Portanto, o curso de Comunicação Social da UFRR, ainda menino semelhante a própria UFRR, têm três grande desafios marcantes: o primeiro, é o acompanhamento constante da realidade mercadológica, cultural e política da sociedade na qual está inserido, reduzindo o anacronismo comum às IFES, impedindo a alta oferta para baixa demanda, numa produção científica focada nos problemas locais. Por segundo, compreender e ajudar o acadêmico no alcance de seus objetivos e expectativas em relação ao curso, o qualificando quanto egresso para servir ao próprio curso como professor

Em terceiro, buscar enfatizar o relacionamento de compromisso por parte dos docentes com o curso, com os estudantes e entre eles, permitindo a fluidez de informações, sem a qual é interdisciplinaridade se torna desconfigurada.

Missão grandiosa, mas possível mediante os últimos avanços do curso no período curto de tempo de 96 a 2003, e por possuir um planejamento de caráter coletivo e participativo entre todos os agentes do processo. O mercado está obsequioso por profissionais qualificados, os estudantes desejosos na qualificação e o curso atento aos acontecimentos e ciente da mobilidade do mercado, permite vislumbrar conseqüência positiva a todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Mª Lúcia e MARTINS, Mª Helena Pires. Filosofando – Introdução à Filosofia. São Paulo, 1987. Editora Moderna.

ARANHA, Mª Lúcia. História da Educação. São Paulo, 1996. Editora Moderna.

ARAGÃO, Murilo de. Globalização e Imprensa. Seção: Questão e ordem. Revista Imprensa. Julho, 2002. Ano 15. n.º 173.

BITTAR, Marilene. A História e a essência da universidade. *Multitemas*. Periódico das Comunidades Departamentais da UCDB, 1999. N.15. Campo Grande – MS

Catálogo Geral da UFRR, 1994.

GENTIL, Pablo (org.). Universidades na penumbra –neoliberalismo e reestruturação universitária. São Paulo, 2001. Editora Cortez.

GENTILLI, Victor. O rompimento do genérico. O jornalismo em busca da identidade profissional e da legitimidade acadêmica, 2000. (www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/de180/2000.htm)

_____.Primeiras observações sobre o provão de jornalismo. 2003 (www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/jd051298a.htm)

KUNSCH, Margaria M. Krohling (org.). O Ensino de Comunicação: Análises, tendências e perspectivas futuras. São Paulo, 1992. ABECOM: ECA /USP

LEVINO, Selmar. O curso de Comunicação Social da UFRR: uma fisionomia que se revela lentamente. (Trabalho de Conclusão de Curso, 2002).

LOPES, Boanerges. O que é assessoria de imprensa. Coleção primeiros passos. Editora Brasiliense, 2002.

LUCKESI, Cipriano e outros. Fazer universidade: uma proposta metodológica. São Paulo, 2003. Editora Cortez. 13ª edição.

MASSINI, Marina. História da Universidade – FFCLRP – USP

MANZANO, Rodrigo. Assessoria: muito mais que um release. Revista Imprensa. Julho, 2002. Ano 15. N. º 173. (p. 20-26)

MEDITSCH, Eduardo. Crescer para os lados ou crescer para cima: dilema histórico do campo acadêmico do jornal. Universidade Federal de Santa Catarina, 2001. (www.bocc.ubi.pt)

MELO, Antônio dos Reis Lopes (org.). Estudos – Revista da Faculdade de Ciências Humanas da Unimar. Marília – SP, 1997. V. 01. N. 01

MELO, José Marques. Comunicação e Modernidade. São Paulo, 1991. Edição Loyola.

_____. Contribuições para uma pedagogia da Comunicação. São Paulo, 1974. Editora: Paulinas.

_____. Integração universidade-empresa: um desafio inadiável. Revista Imprensa, Abril de 2002. Ano 15. N. º 170. (p. 84)

_____. Estudos Comunicacionais alteram rota da inserção brasileira no mapa do mundo. Revista Imprensa, Dezembro de 2002. Ano 16. N. º 178. (p.52-53)

_____. Vanguardismo brasileiro no campo comunicacional. Revista Imprensa, Dezembro de 2002. Ano 16. N.º 178. (p.82-83)

NAKAHATA, Érika. Foca em Foco. Provão em pauta. Revista Imprensa. Julho, 2002. Ano 15. N. º 173. (p. 58).

Normas Técnicas para o trabalho científico. Nova ABNT, 11ª edição.

Pesquisa Imprensa.Profissão. Jornalistas dizem sim ao diploma. Revista Imprensa, Dezembro de 2002. Ano 16. N.º 178. (p.39)

PIMENTEL, Marcelo Lcerda. Simbiose entre jornal e política. Revista Imprensa. Julho, 2002. Ano 15. N. º 173. (p. 62-68)

SCHUCH, Hélio A. Qualidade no ensino de Jornalismo. (www.saladeprensa.org)

_____. O ensino dos cursos de Comunicação Social e a urgência da atualização curricular. 2000. (www.jornalismo.ufsc.br)

SOARES, Mª Susana (org.). Educação Superior no Brasil – CAPES. 2002.

SOUSA, Jorge Pedro. O desejado para um perfil do candidato a jornalista pretendido pelos órgãos de Comunicação Social. Universidade Fernando Pessoa, 2001. (www.saladeprensa.org/art126.htm)

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. O que é universidade. Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense, n.º 2.

VENCESLAU, Pedro Paulo. Foca em Foco. Quanto ganha um foca. Revista Imprensa, Abril de 2002. Ano 15. N.º 170. (p. 84)

ANEXOS

ANEXO - 01

QUESTIONÁRIO APRESENTADO ÀS EMPRESAS JORNALÍSTICAS DA CIDADE DE BOA VISTA.

ACADÊMICA: Lidiane Santos

ORIENTADOR: Maurício Zouein

MERCADO
VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO / EMPRESA

1 – Nome do veículo / empresa: _____

2 – Há quanto tempo a empresa atua no mercado local? _____

3 – Atualmente, quem é o responsável pela área jornalística? _____

4 – O responsável pela área supracitada tem formação acadêmica em Comunicação Social? ( ) Sim ( ) Não

5 – Quantos jornalistas trabalham na empresa? _____

6 – Quantos possuem formação acadêmica em Comunicação Social – Jornalismo? _____

7 – Quantos deste foram acadêmicos da UFRR? _____

8 – Quantos já possuíam experiência na área antes de trabalhar na empresa? _____

9 – Há alguma vaga ociosa na empresa, específica para jornalistas? ( ) Sim ( ) Não. Por favor, quantifique: _____

10 – Há alguma vaga na empresa destina à jornalistas que esteja sendo ocupada por profissionais com outras ou nenhuma habilitação?( ) Sim ( ) Não. Em caso afirmativo, por quê ? _____

11- Qual a principal característica do trabalho jornalístico da empresa, e quantas horas em média se trabalha por dia?

Jornalismo ( ) _____

Radiojornalismo ( ) _____

Telejornalismo ( ) ____

Assessoria ( ) _____

Outros ( ) _____

12 – Há na empresa algum projeto voltado para jornalistas em parceria com a UFRR? ( ) Sim ( ) Não

14 – A empresa possui estagiários em seu quadro funcional? ( ) Sim ( ) Não. Em caso afirmativo, quantos? _____

15 – Há um convênio com a empresa para a manutenção do estagiário em jornalismo? ( ) Sim ( ) Não. Em caso afirmativo, qual? _____

16 – Os jornalistas formados na UFRR preenchem os requisitos necessários à prática da função? ( ) Sim ( ) Não

17 – Considerando o curso de Comunicação Social da UFRR e seus acadêmicos, a empresa já transmitiu à Instituição de Ensino Superior as observações a respeito da

qualidade dos serviços prestados pelos jornalistas contratados? ( ) Sim ( ) Não. Em caso negativo, diga o por quê? _____

18 – Em sua observação, que qualidades técnicas e pessoais são levadas em conta na hora de contratar o jornalistas?

TÉCNICA	PESSOAIS
Redigir textos jornalísticos	Iniciativa e criatividade
Ter conhecimento de informática	Ter boa aparência e dicção
Compreender o contexto social, sabendo discernir sobre a importância e os efeitos das informações.	Estar sempre bem informado.
Saber manusear máquinas fotográficas e câmeras.	Ter boas relações interpessoais na empresa e fora dela.
Falar mais de um idioma.	Vestir a “camisa” da empresa, se preciso ultrapassando o horário regular de serviço.
Ter noções de Marketing e Relações Públicas.	Ter atitude ética.
	Experiência na área

Obrigada pela sua colaboração.

Lidiane Santos.

Informações Pessoais

Jornalista –
Filiação –
Naturalidade – Nascimento –
Endereço Residencial –
Endereço eletrônico –

Telefones:
Residencial –
Comercial –
Celular –

Local de Trabalho –
Endereço –
Cargo – Função –

Remuneração atual:
a) ( ) de um a três salários mínimos
b) ( ) de quatro a seis salários mínimos
c) ( ) de sete a 12 salários mínimos
d) ( ) de treze a quinze salários mínimos
e) ( ) NRA. Outro valor: _____

Com atividades profissionais em outro local, por favor responder:

Tempo de empresa/órgão público –
Local de Trabalho –
Endereço –
Cargo - Função –
Remuneração atual –
a) ( ) de um a três salários mínimos
b) ( ) de quatro a seis salários mínimos
c) ( ) de sete a 12 salários mínimos
d) ( ) de treze a quinze salários mínimos
e) ( ) NRA. Outro valor: _____

Tempo de empresa/órgão público –

Questionário para os jornalistas formados na UFRR

Jornalistas – experiência

1 – Como você ingressou no curso de Comunicação Social da UFRR?
a) ( ) Vestibular
b) ( ) Via transferência de outros cursos da UFRR.
c) ( ) Via transferência de outras instituições de Ensino Superior.

2 - Por que você escolheu o curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo?
a) ( ) afinidade com o curso;
b) ( ) não havia o curso que você desejava na UFRR, ou no vestibular que você prestou;
c) ( ) gostava de ler muito e queria aparecer na televisão;
d) ( ) gosta de escrever;
e) ( ) NRA. Qual seria a sua resposta? _____

3 – Antes de fazer o vestibular você teve acesso a informações sobre o curso?
a) Sim. Como? _____
b) Não.

4 – O que você esperava do curso de Comunicação Social quando ingressou?
a) ( ) Formação acadêmica para atender ás novas exigências do mercado de trabalho, pois já atuava como jornalista.
b) ( ) Somente a obtenção do diploma de nível superior.
c) ( ) Formação teórica e prática em Jornalismo com o objetivo de ingressar no mercado de trabalho.
d) ( ) Aquisição de cultura ampla e geral.
e) ( ) Outra. Especifique: _____

5 - Quantas vezes você tentou o vestibular –e para que áreas – antes de obter aprovação em Comunicação Social? (
a) ( ) uma única vez
a) ( ) mais de uma. Quais as áreas?
b) ( ) mais de três vezes. Quais as áreas? _____
c) ( ) mais de cinco vezes. Quais as áreas? _____
e) ( ) NRA. Resposta: _____

6 – Se transferido de outro curso (relacionar), o que o(a) induziu à mudança?
a) ( ) incompatibilidade com o curso anterior;
b) ( ) maior afinidade com o Curso de Comunicação.
c) ( ) melhores garantias futuras no mercado de trabalho;
d) ( ) quando prestou o vestibular não havia ofertas para Comunicação Social.
e) ( ) NRA. Outra: _____

7– Caso já tenha trabalhado na área, que diferença percebeu após receber o conteúdo acadêmico?
a) ( ) melhoria nas trabalhos realizados e melhor compreensão do contexto social
b) ( ) nada mudou
c) ( ) Pouca coisa mudou.
d) ( ) Nra.
8 - Você já acumulava experiência em alguma mídia, na área do jornalismo, antes de ingressar na faculdade? Informe o tempo
a) ( ) TV ___
b) ( ) Rádio ____
c) ( ) Jornal ____

d) ( ) Internet ____
e) ( ) Não, em nenhuma. Nunca trabalhei como jornalista.
f) ( ) NRA. Outras: _____

9 – Após o ingresso, você teve conhecimento, no primeiro semestre, da grade curricular?
( ) Sim ( ) Não. Em caso negativo, diga o por quê?_____

10 – As primeiras disciplinas estudadas eram do curso de Comunicação Social?
( ) Sim ( ) Não.

11 – As primeiras disciplinas estudadas lhe ajudaram a visualizar o que seria o curso, os objetivos e finalidades do mesmo? ( ) Sim ( ) Não.

12– Em que semestre percebeu que a escolha fora acertada?
a) ( ) nos dois primeiros semestres;
b) ( ) segundo ano;
c) ( ) terceiro ano
d) ( ) quarto ano
e) ( ) Nra. Outra.

13 – Na sua opinião, disciplinas como Legislação e Ética em Jornalismo, cursadas em comum com alunos de outros cursos são bem aproveitadas pelos acadêmicos de Comunicação Social?
( ) Sim ( ) Não

14 – Como acadêmico, você teve vontade de desistir do curso? ( ) Sim ( ) Não. Em caso afirmativo, diga o por quê._____

15 – Em sua opinião, ter experiência na área jornalística é importante na transmissão de conhecimentos por parte do professor em disciplinas técnicas? ( ) Sim ( ) Não.

16 – Qual a avaliação do trabalho didático (modo como ensinam) dos professores ao passar o conteúdo das matérias? Se possível, relacionar experiências (boas ou más).
a) ( ) a maioria é regular; (0 a 4 pontos)
b) ( ) a maioria têm boa didática; (5 a 7 pontos)
c) ( ) a maioria têm ótima didática; (8 a 10 pontos)

17 – Qual a avaliação da metodologia (meios utilizados para facilitar o aprendizado. Engloba o aprofundamento nas matérias e avaliações objetivas e subjetivas) utilizada pelos professores?
a) ( ) Regular (0 a 4 pontos)
b) ( ) Boa; (5 a 7 pontos)
c) ( ) Ótima; (8 a 10 pontos)

18 – Caso insatisfeito até o final do curso, indicar os motivos de permanência até a formatura.
a) ( ) queria apenas o diploma;
b) ( ) gostava de estudar e estar em contato com outras pessoas.
c) ( ) o emprego exigia o nível superior.
d) ( ) nra. Outra resposta. _____

19 – Ao chegar ao trabalho de conclusão do curso (monografia), como se sentiu em relação a proximidade da formatura? Os ensinamentos recebidos durante o curso foram adequados à competição no mercado de trabalho? Justifique a resposta.
a) ( ) Insatisfeito com o ensino que recebeu.
b) ( ) Satisfeito com o ensino que recebeu.

20 – Você ingressou no mercado de trabalho através de estágio? ( ) Sim ( ) Não.

21 – Quando ocorreu o primeiro contato com a profissão?
a) ( ) Nos dois primeiros anos do curso.
b) ( ) Nos dois últimos anos do curso.
c) ( ) Após a conclusão do curso.
d) ( ) Nunca teve a prática da profissão.

22– Em sua opinião, a grade curricular do Curso de Comunicação Social foi adequada para as exigências do mercado de trabalho com as quais você se deparou ao sair da universidade?
a) ( ) Sim.
b) ( ) Não.

23 – As aulas práticas nos laboratórios lhe ajudaram a addquirir as habilidades requisitadas no mercado de trabalho? Sim ( ) Não ( )

24 – O que você mudaria no curso, caso iniciasse novamente a caminhada na UFRR?
Marque quantas opções desejar.
a) ( ) a grade curricular, retirando algumas disciplinas e acrescentando outras mais atuais como Assessoria e Marketing;
b) ( ) qualificaria a maioria dos professores;
c) ( ) qualificaria somente alguns professores;
d) ( ) a estrutura física cedida para as aulas do curso, inclusive os laboratórios;
e) ( ) mudaria a didática e a metodologia do ensino que estão ultrapassados;
( ) Nra. Outra. :_____

25 – O que você mudaria em suas atitudes acadêmica na mesma situação?
a) ( ) teria maior dedicação com os conteúdos transmitidos, maior atenção nas aulas e assiduidade;
b) ( ) começaria a prática da profissão nos primeiros semestre através de um estágio;
c) ( ) conversaria com o professor para fazer das aulas algo mais dinâmico;
d) ( ) participaria de todas as festas que deixou passar por ter que estudar;
e) ( ) desistiria do curso no início e tentaria novamente o vestibular;
f) ( ) visitaria locais de trabalho de jornalistas para conhecer a realidade da profissão;
g) ( ) Nra. Outra.

26 - Mantendo-se fora do meio jornalístico até hoje, indique os motivos dessa decisão.
a) ( ) Questões familiares
b) ( ) Passou no concurso público para outra área;
c) ( ) Remuneração insatisfatória para os profissionais;
d) ( ) Não encontrou vagas no mercado de trabalho;
e) ( ) Não teve afinidade com a prática jornalística;
f) ( ) Nra. Outra.: _____

27 – Na sua observação quais as qualidades técnicas e pessoais, por ordem de importância, que são levadas em conta pelo veículo na hora de contratar o jornalista. Marque por ordem de importância.

TÉCNICA	PESSOAIS
Redigir textos jornalísticos	Iniciativa e criatividade
Ter conhecimento de informática	Ter boa aparência e dicção
Compreender o contexto social, sabendo discernir sobre a importância e os efeitos das informações.	Estar sempre bem informado.
Saber manusear máquinas fotográficas e câmeras.	Ter boas relações interpessoais na empresa e fora dela.
Falar mais de um idioma.	Vestir a “camisa” da empresa, se preciso ultrapassando o horário regular de serviço.
Ter noções de Marketing e Relações Públicas.	Ter atitude ética.

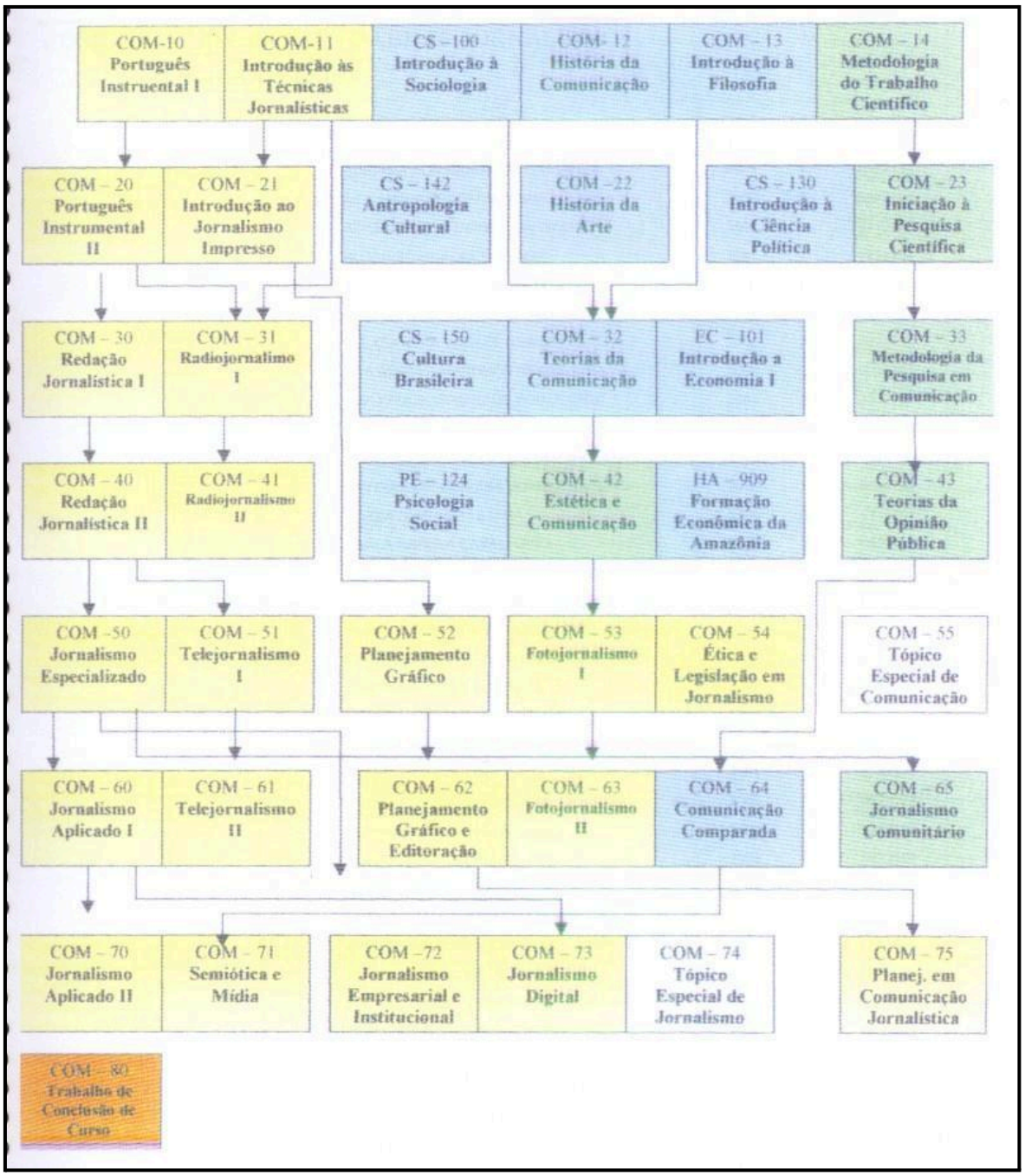
28 – A sua permanência no atual emprego se deve, principalmente, a quê?
a) ( ) Remuneração.
b) ( ) Identificação com a função que exerce.
c) ( ) Outra . _____

Ano de ingresso na UFRR - Ano de conclusão na UFRR –

Obrigada pela sua colaboração.
Lidiane Santos

ANEXO - 02

Grade do Curso de Comunicação Social - Jornalismo



ANEXO – 03

Lista de Alunos Graduados no Curso de Comunicação Social até 2003.1.0